

24º PLANO DA AÇÃO EVANGELIZADORA

2017 - 2020



“Ela foi à cidade, anunciou Jesus e eles foram ao encontro dele”

(Cf. Jo 4, 28-30)

24º PLANO DE AÇÃO EVANGELIZADORA
2017-2020

24º PLANO DA AÇÃO EVANGELIZADORA (2017-2020)

Família – Missão – Mundo Urbanizado

Coordenação Geral:

D. Anuar Battisti

Arcebispo Metropolitano de Maringá

Coordenação da Assembleia Arquidiocesana:

Pe. Israel Zago

Pe. Neri Dione Squisati

Pe. Pedro Jorge Delgado Bento

Organização:

Pe. Emerson Cícero de Carvalho

Pe. Genivaldo Ubinge

Pe. Ivaldir Camaroti dos Reis

Colaboração:

Pe. Israel Zago

Pe. Neri Dione Squisati

Pe. Sidney Fabril

Revisão:

Ivonete Veraldo Gasparello

Capa:

Leandro Melo

OBJETIVO GERAL
DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL
CNBB - 2015 - 2019

EVANGELIZAR, a partir de Jesus Cristo e na força do *Espírito Santo*, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos *pobres*, para que todos tenham vida, rumo ao Reino definitivo.

OBJETIVO GERAL
DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ
2017 - 2020

EVANGELIZAR, como Igreja missionária, as famílias e o mundo urbanizado, seguindo o exemplo de Jesus Cristo pobre e servidor, em vista da construção do Reino definitivo.

SIGLAS

AG – Decreto *Ad Gentes*

AL – Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia*

CELAM – Conferência Episcopal Latino Americana

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CV – Carta Encíclica *Caritas in Veritate*

DAp – *Documento de Aparecida*

DGAE – *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*

DSI – *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*

Doc 99 – Documentos da CNBB 99: *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*

Doc 100 – Documentos da CNBB 100: *Comunidade de Comunidades: Uma nova paróquia*

Doc 105 – Documentos da CNBB 105: *Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade*

EG – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*

EN – Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*

LS – Carta Encíclica *Laudato Si*

MV – Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia: *Misericordiae Vultus*

SRS – Carta Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis*

UR – Decreto *Unitatis Redintegratio*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	09
INTRODUÇÃO	11
PARTE I – VER	17
AS MARCAS DE NOSSO TEMPO NA ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ	
Considerações a respeito da síntese das paróquias sobre o 23º PAE.....	17
1. Sobre a organização das paróquias em redes de CEBs e outras pequenas comunidades	17
2. Sobre o fortalecimento dos Grupos de Reflexão	20
3. Sobre a criação do COMIPA.....	22
4. Sobre a criação da Escola de Formação Bíblico-Teológica	23
5. Sobre a implantação do modelo de iniciação à vida cristã na catequese.....	24
6. Sobre a implantação do Setor Família ou Pastoral Familiar	24
7. Sobre a prioridade Juventude	25
8. Sobre a prioridade Promoção da Vida.....	27
PARTE II – JULGAR	29
ILUMINAÇÃO BÍBLICA E MAGISTERIAL	
1. Indicação de Espiritualidade Bíblica.....	30
2. Indicações dos Documentos do Magistério	32
2.1. O ponto de partida: Jesus Cristo	33
2.2. Um desafio: a conversão pastoral.....	36
2.3. A inspiração: a promoção da Misericórdia	37
2.4. A meta: uma Igreja em saída.....	37

PARTE III – AGIR	39
PRIORIDADES E PROJETOS	
1ª PRIORIDADE: EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO URBANIZADO ...	39
PROJETO 1: Cidadania e participação no mundo urbanizado	39
PROJETO 2: Serviço Pastoral do Migrante	44
PROJETO 3: Cuidado com a casa comum.....	48
PROJETO 4: Implantação da Pastoral da Comunicação	53
2ª PRIORIDADE: DIMENSÃO MISSIONÁRIA	57
PROJETO: “Igreja em saída” – comunidades em estado permanente de missão.....	57
3ª PRIORIDADE: FAMÍLIA	61
PROJETO: Evangelização integral das famílias por meio do Setor Família.....	61
Conclusão.....	65
Anexo 1: Resumo das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2015-2019	67
Anexo 2: Síntese das Assembleias Paroquiais sobre o 23º Plano da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Maringá	85
Anexo 3: Pesquisa com a Sociedade.....	125
Oração pelas vocações	131
Oração da família	133

APRESENTAÇÃO

Como Igreja que procura fazer um caminho de comunhão e participação, há dois anos, iniciamos um processo de avaliação do 23º Plano da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Maringá, a partir das comunidades, pastorais, movimentos, organismo e serviços. Essa dinâmica de escuta da nossa gente ofereceu a base para uma iluminação a partir da Sagrada Escritura e dos documentos recentes da Igreja, para estabelecer prioridades e gestos concretos. Foram dois anos de trabalho participativo para ter em mãos elementos inspiradores que atendam aos novos sinais dos tempos e a uma maior coerência da vida cristã.

Essa trajetória foi realizada por meio do **VER, JULGAR, AGIR**. A metodologia, já consagrada em nossos ambientes de trabalho, garante o protagonismo dos leigos e leigas e nos dá a segurança de que não existe um único iluminado, capaz de ouvir a voz do Espírito que sopra na igreja hoje. A presença do Espírito de Jesus Cristo ocorre onde dois ou mais estejam reunidos em seu nome (Mt 18,20). Essa é a verdadeira comunidade, guiada pelo Espírito de Jesus, capaz de fazer um caminho de luzes e trevas, enfrentando os desafios, olhando sempre para o grande horizonte da caminhada, que é a construção do Reino de Deus aqui e agora.

O Documento de Aparecida mostra o caminho para uma verdadeira evangelização: formar discípulos e missionários de Jesus Cristo. Aqui está o desafio fundamental que afrontamos: mostrar a capacidade da igreja para promover e formar discípulos e missionários que respondam à vocação recebida e comuniquem,

por toda parte, transbordando de gratidão e alegria, o dom do encontro com Jesus Cristo. Não temos outro tesouro a não ser este. Não temos outra felicidade, nem outra prioridade senão a de sermos instrumentos do Espírito de Deus na Igreja, para que Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistência (DAP 14).

O Papa Francisco clama por uma Igreja em saída, aberta, acolhedora, na busca dos excluídos, capaz de atrair, pelo testemunho de irmãos que se querem bem. “Quem arrisca, o Senhor não o desilude; e, quando alguém dá um pequeno passo em direção a Jesus, descobre que Ele já aguardava de braços abertos a sua chegada” (EG 3). “Convido a todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades. Uma identificação dos fins, sem uma condigna busca comunitária dos meios para alcançá-los está condenada a traduzir-se em mera fantasia” (EG 33).

Portanto, este plano é fruto de um trabalho árduo de várias mãos, tendo como prioridades a “Evangelização no mundo urbanizado”, a “Dimensão missionária” e a “Família”, cumprindo o mandato de Jesus: “Ide e evangelizai” (Mt 16,15). “Conhecer a Jesus Cristo pela fé é nossa alegria, segui-lo é uma graça, e transmitir este tesouro aos demais é uma tarefa que o Senhor nos confiou ao nos chamar e nos escolher” (DAP 18). Sob a proteção de Maria, a mulher evangelizada e evangelizadora, a Senhora da Glória, vamos continuar o caminho, “fazendo tudo o que O Senhor nos disser” (Jo.2,5).

D. Anuar Battisti
Arcebispo de Maringá

INTRODUÇÃO

O *24º Plano da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Maringá* é fruto de uma longa caminhada: iniciamos o processo de assembleia em maio de 2015. Portanto, foram dois anos de estudo, pesquisa e sugestões de prioridades, até chegarmos ao presente plano. Esforçamo-nos para fazer um caminho de comunhão e participação

Num primeiro momento, buscamos ouvir a Sociedade a respeito da Igreja. Nesta etapa, foi preparado e encaminhado, a mais de 100 entidades (Prefeituras, Câmaras Municipais, Associações, ONG's, entre outros), um questionário sobre o modo como tais instituições veem o trabalho da Igreja Católica em nossa Arquidiocese. É um olhar “de fora” sobre nosso serviço.

Com base nas discussões suscitadas pela **Campanha da Fraternidade 2015**, que teve por tema *Fraternidade: Igreja e Sociedade*, e por lema: “Eu vim para servir” (Mc 10,45), e nas *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2015-2019)*, sabe-se, claramente, que “a Igreja vive sua fidelidade a Cristo e ao Evangelho nos contextos em que se encontra” e que seus “discípulos missionários devem conhecer a realidade à sua volta, estar atentos aos sinais dos tempos e, em atitude de discernimento, nela mergulhar, iluminados pela fé”, ajudando na construção de uma sociedade justa e fraterna para todos.

“A conversão pastoral supõe passar de uma pastoral ocupada apenas com as atividades internas da Igreja, para uma pastoral que dialogue com o mundo. A paróquia missionária há de

ocupar-se menos com detalhes secundários da vida paroquial e focar-se mais no que realmente **propõe o Evangelho**” (Doc. 100, n.58).

As respostas nos ajudaram a refletir sobre a atuação da Igreja na sociedade, visto que apareceu, de forma muito forte, como ponto positivo, a presença da Igreja no mundo, sobretudo, estando ao lado dos mais necessitados.

Junto à pesquisa com a sociedade, encaminhamos a avaliação do nosso *23º Plano da Ação Evangelizadora (2013-2016)*, que teve como prioridades: **1. Organização das Paróquias em redes de CEBs e outras pequenas comunidades; 2. Família; 3. Juventude; 4. Promoção da vida.**

Essa etapa demandou muito trabalho, pois nossa pretensão era ouvir as bases. Um questionário foi preparado para ser respondido pelas Paróquias, envolvendo o maior número de pessoas possível. Este trabalho foi realizado de novembro de 2015 a março de 2016. Recebemos das Paróquias um riquíssimo material de avaliação.

Para que pudéssemos ter uma demonstração o mais fiel possível dessa avaliação, as Regiões Pastorais se encarregaram de fazer a síntese das Paróquias que as compõem. Assim, chegamos a oito sínteses. Foi o segundo instrumento que utilizamos para **VER** a nossa realidade.

Tivemos também, diante de nossos olhos, a realidade e os desafios da Igreja e do mundo apresentados em alguns documentos da CNBB: Documento 105 da CNBB: *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora 2015-2019*; Documento 100 da CNBB: *Comunidade de Comunidades: uma nova Paróquia*; e do Papa Francisco: *A Alegria do Evangelho; O Rosto da Misericórdia; Louvado Seja; A Alegria do Amor*; além do *Documento de Aparecida* (CELAM).

Após esta ampla visão da realidade da Igreja e da Sociedade, o passo seguinte foi olhar e interiorizar os apelos da Palavra de Deus e dos Ensinamentos do Magistério da Igreja.

Tivemos um rico cenário para realizar a parte do **JULGAR**, em que respondemos a questão: **O que nos pede a Palavra de Deus e o Magistério da Igreja?** Foi feito um amplo estudo, nas Paróquias, Pastorais, Movimentos, Organismos e nas Regiões Pastorais, do “Instrumento de Trabalho” que trouxe uma síntese dessas orientações.

O terceiro passo, o **AGIR**, exigiu mais empenho de nossa parte: caberia agora, às lideranças, decidir o que nossa Igreja Particular iria assumir como prioridade para os próximos quatro anos.

Dedicamos os meses de maio e junho de 2016 para a apresentação de propostas de prioridades e projetos. Cada Paróquia deveria apresentar suas propostas que foram levadas para a Assembleia da Região Pastoral, culminando em uma síntese. As pastorais, movimentos e organismos também trabalharam e apresentaram propostas de prioridades e projetos. O grande desafio, nessa etapa, foi pensarmos não para nosso grupo, ou Paróquia, mas para o todo da Arquidiocese. Recebemos um material muito rico em propostas de prioridades e de projetos.

No final do mês de julho, reunimos as Regiões Pastorais, as Pastorais, os Movimentos e Organismos para fazermos a síntese de todas as propostas. Conseguimos chegar a nove propostas de prioridades. Começamos, então, a estudar e nos preparar para que fôssemos fiéis às nossas bases, às orientações da Igreja, que respondêssemos aos apelos da realidade, seja da Igreja, seja da sociedade, e que nossas decisões tivessem como objetivo fazer uma Pastoral de Conjunto.

Fizemos uma pré-assembleia no dia sete de agosto de 2016, cuja finalidade foi a de tomarmos conhecimento de todos os projetos e, sobretudo, rezarmos, pedindo que o Espírito Santo fosse o único condutor de nossos trabalhos de aprovação do *24º Plano da Ação Evangelizadora*.

Foi um material tão rico que ficou difícil escolher somente três prioridades. Para conhecimento de todos, seguem as nove

propostas de prioridades que foram levadas para a pré-assembleia e, depois, para a Assembleia Arquidiocesana.

1. Família
2. Dimensão missionária
3. Juventude
4. CEBs e Animação Bíblica
5. Comunicação
6. Evangelização do mundo urbano
7. Serviço da vida plena para todos: promoção da vida
8. Meio ambiente: cuidado com a casa comum
9. Iniciação à vida cristã.

Para cada uma destas propostas de prioridades, foram apresentadas várias sugestões de projetos.

No dia 11 de setembro, reunimo-nos para a Assembleia. Ela foi fruto de uma longa caminhada, de muito empenho, reflexão e oração. Definimos as três prioridades: **Evangelização no mundo urbanizado**, **Dimensão missionária** e **Família**, e os projetos para cada uma delas. Isso é o que vai marcar o nosso **AGIR**. São esses campos que, nos próximos quatro anos, vamos colocar em primeiro lugar, merecendo uma concentração de atenção, esforços e recursos.

Cabe, ainda, lembrar que cada Região Pastoral, a partir das Prioridades Arquidiocesanas, tem a possibilidade de assumir projetos próprios, contemplando, assim, mais de perto, as suas realidades.

Ao recebermos o *24º Plano da Ação Evangelizadora de nossa Arquidiocese*, temos a certeza de que ele foi fruto de um longo processo em que foi priorizada a participação das bases. Temos, também, a convicção de que fomos instrumentos para que o Espírito Santo agisse.

“Há uma tentação que sempre insidia qualquer caminho espiritual e também a ação pastoral: pensar que os resultados dependem da nossa capacidade de agir e programar.” É certo que Deus nos pede uma real colaboração com a sua graça, mas ai de

nós se esquecermos de que, **‘sem Cristo, nada podemos fazer’** (cf. Jo 15,5) (Doc. 100 da CNBB, n. 242).

“É preciso recuperar o primado de Deus e **o lugar do Espírito Santo** em nossa ação evangelizadora, pois nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo” (Doc. 100 da CNBB, n. 243, e EN 75).

Cabe, agora, às nossas Paróquias, Pastorais, Movimentos, Organismos, buscar os meios para colocar em prática aquilo que decidimos juntos, pois só assim o nosso trabalho será frutuoso.

Retomando D. Anuar, na apresentação deste documento, o Papa Francisco insiste: “Convido todos a serem ousados e criativos nesta tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades. Uma identificação dos fins, sem uma condigna busca comunitária dos meios para alcançá-los, está condenada a traduzir-se em mera fantasia” (EG, 33).

PARTE I - VER

AS MARCAS DE NOSSO TEMPO NA ARQUIDIOCESE DE MARINGÁ

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA SÍNTESE DAS PARÓQUIAS SOBRE O 23^o PAE

1. Sobre a “organização das paróquias em redes de CEBs e outras pequenas comunidades”

O fato, comprovado pelas respostas, de quase todas as paróquias estarem organizadas em CEBs (51 das 56 paróquias)¹ é o mais significativo e importante de todos os elementos da Ação Evangelizadora. As paróquias são a instituição referencial mais importante da Igreja e também as mais próximas do povo. Assim, estarem organizadas em pequenas comunidades, principalmente no modelo de CEBs, faz delas estruturas potencializadoras da ação pastoral e evangelizadora.

Em nossa Arquidiocese, a descentralização das paróquias da matriz faz delas verdadeiras “redes de comunidades”. De fato, o rosto mais expressivo da Igreja na Arquidiocese de Maringá é o das paróquias organizadas em comunidades, especialmente em CEBs. Esse rosto de Igreja não somente é belo, mas muito de acordo com o jeito de a Igreja ser no Novo Testamento, na tradição dos primeiros séculos e em comunhão com a caminhada da Igreja na América Latina e no Brasil. Uma das respostas resume bem esta

¹ Atualmente, a Arquidiocese de Maringá é composta por 58 paróquias, mas, no momento em que a pesquisa foi realizada, havia 56.

realidade, ao afirmar que as CEBs “mantêm viva a estrutura da Igreja”. Ou seja, nossas paróquias não são esqueletos ou estruturas burocráticas, elas têm vida mesmo.

Isso revela o dinamismo das paróquias que cumprem bem seu papel de disseminadoras do Evangelho por meio do testemunho de comunidades verdadeiramente cristãs. Podemos comprovar, pelas respostas registradas pelas comunidades:

- vivem uma profunda experiência de fé em Jesus Cristo;
- celebram, com frutos, os sacramentos, especialmente, a Eucaristia;
- estudam, anunciam e vivem a Palavra de Deus;
- levam uma vida de oração, contemplando a religiosidade popular;
- praticam a partilha em muitas situações e ocasiões, especialmente, por meio do dízimo;
- cuidam das famílias, crianças, idosos, doentes, excluídos e sofredores;
- vivem em comunhão com seus pastores (ministros ordenados), inclusive, provocando uma maior proximidade destes com o povo;
- preocupam-se em transformar a sociedade, principalmente através das pastorais sociais, mas também se envolvendo nas organizações da sociedade civil.

Algo muito significativo é o fato de que este modelo de Igreja desperta muito mais vocações, especialmente de líderes leigos/as, mas também vocações para o ministério ordenado e para a vida consagrada religiosa. São, assim, verdadeiras comunidades missionárias.

É claro que há dificuldades, problemas e crises. Nossas CEBs estão inseridas na sociedade, que é cada vez mais individualista, consumista e secularizada. Viver em comunidade é quase que remar contra a corrente. Há que se destacar a carga de trabalho e os turnos variados que dificultam a “cultura do encontro”, como diz o Papa Francisco. Como a maioria das

reuniões acontece à noite, uma vez que boa parte trabalha de dia, há o problema da violência urbana que causa medo de sair de casa. Os novos meios de comunicação e o acesso a eles por grande parte das pessoas dão a sensação de não haver tanta necessidade de encontros, já que muitas coisas são comunicadas e resolvidas pelo celular, *whatsapp*, internet, redes sociais.

A crise em que vive a família, com muita desagregação, também influencia a vida em comunidade. Do ponto de vista religioso, há o grande avanço de Igrejas e seitas evangélicas proselitistas que dificultam a perseverança de diversos membros nas CEBs e a entrada de novos.

Do ponto de vista interno da Igreja, a falta de apoio e liderança de diversos padres, os programas de TV e de rádio católicos mais voltados para uma religiosidade de piedade popular intimista, a insistência em eventos, a dificuldade de integração de certos movimentos eclesiais, entre outros, geram conflitos nem sempre bem resolvidos que dificultam a caminhada das CEBs. Porém, não chegam, ainda, a colocar em risco esse modelo de Igreja.

As CEBs ainda consideram bastante o aspecto geográfico, uma vez que têm sido organizadas a partir deste critério, principalmente, a partir de certa divisão das cidades em bairros. A característica geográfica combina mais com uma cultura rural, enquanto a sociedade está cada vez mais urbana e organizada não tanto pelo aspecto geográfico, mas de acordo com os interesses. Isso gera uma crise nas CEBs, que precisam se adaptar melhor à cultura urbana.

O principal problema das CEBs, e talvez da Igreja, é a baixíssima participação dos jovens. Não conseguimos atraí-los. Os motivos são muito variados, desde os internos da Igreja, quanto da sociedade. Os jovens da geração atual são os da cultura digital, das redes sociais, da ausência maior da família e da presença maior da escola na sua formação. Os pais e a Igreja têm uma defasagem de comunicação e linguagem em relação a essa

geração. A maturidade própria da fase da juventude foi adiada: os jovens começam a trabalhar mais tarde e tendem a amadurecer mais tarde também. Os grupos de jovens que temos são quase que unicamente de movimentos eclesiais, com uma espiritualidade que valoriza mais o individual que o comunitário, e são mais grupos de massa. Faltam os pequenos grupos de jovens das comunidades. Aqui está o nosso maior desafio. E se eles não participam hoje das CEBs, a crise delas só tende a aumentar.

2. Sobre o “fortalecimento dos Grupos de Reflexão através da implantação de um processo de formação de discípulos missionários de Jesus Cristo, que contempla a iniciação cristã de adultos e a leitura orante da Bíblia”

As CEBs se constituem e se sustentam a partir dos Grupos de Reflexão. Eles são o carro chefe das CEBs. Imaginemos os dados respondidos: 39 paróquias informaram o número de grupos, num total de 1.111, sendo que 17 não informaram, embora os tenham. Das que responderam, temos uma média de 28 grupos por paróquia. Seguindo essa média, dando os devidos descontos para menos, podemos dizer que são em torno de 1.500 grupos. Se a média fosse de 10 pessoas por grupo, seriam 15.000 pessoas, com os descontos para menos ainda, poderíamos deixar para umas 13.000 pessoas. Nenhuma pastoral ou movimento tem esse número de pessoas na Arquidiocese.

Levemos em consideração que são grupos com um bom tempo de existência; são grupos pequenos, de tamanho “humano”, com relacionamentos primários; com reuniões semanais o ano todo; que rezam, refletem e agem a partir da mesma temática; caminham com autonomia e são conduzidos exclusivamente por leigas e leigos (Mais da metade das paróquias não tem, sequer, reunião mensal, com o padre, para formação sobre o material), e com vários de seus membros liderando pastorais e outros serviços na Igreja e na sociedade. Estes elementos todos revelam a consistência dos Grupos de Reflexão e

a sua força evangelizadora. Eles têm proporcionado uma verdadeira experiência de vida cristã na nossa Arquidiocese. Por isso, são uma experiência que dá certo e precisa ser incentivada, acompanhada e valorizada ainda mais pelos padres e pelos CPPs – Conselhos Pastorais Paroquiais.

Os grupos têm, também, passado pela mesma crise das CEBs, descrita acima. Para enfrentá-la, nossa Arquidiocese elaborou um projeto de revitalização, tendo por base a Iniciação Cristã de Adultos e a Leitura Orante da Bíblia. Foi uma experiência interessante e que deu bons e vários frutos, principalmente no começo, quando se fez o processo de iniciação cristã a partir do RICA (*Ritual de Iniciação Cristã de Adultos*). Revitalizou a fé de muitos membros, principalmente com a experiência do Querigma e com o conhecimento dos conteúdos básicos da doutrina a partir do Catecismo. Também atraiu muitas pessoas afastadas e sem sacramentos.

O projeto revelou que o caminho da iniciação cristã de adultos é uma grande possibilidade de revitalização das comunidades cansadas e meio sobrecarregadas. As paróquias que realmente abraçaram este projeto e procuraram executá-lo com profundidade colheram e estão colhendo muitos frutos, como também descobriram um belo caminho de atração e formação de novos cristãos. Porém, foi um projeto experimental. Muitos, inclusive padres, não conhecem e não descobriram a importância da iniciação cristã de adultos. É preciso voltar a esse projeto e melhorá-lo, corrigindo as falhas e adaptando às diversas situações das pessoas e CEBs.

O projeto também foi ensinando a Leitura Orante da Bíblia, a fim de reforçar a dimensão orante do grupo, uma vez que a tônica deles é a reflexão. Isso ajudou os membros a praticarem uma oração mais bíblica, de escuta e resposta à Palavra de Deus. As dificuldades também se manifestaram, principalmente na condução por parte dos/as líderes dos grupos, para quem faltou formação suficiente.

Os grupos de reflexão são grupos de discipulado. Falta reforçar o aspecto missionário. É fato que grande parte dos líderes das CEBs e das paróquias foi despertada nos grupos de reflexão e que muitos de seus membros atuam como leigos/as cristãos/ãs na família e na sociedade. Porém, falta o jeito de encaminhar os grupos para a missão, uma vez que diversos grupos se fecham em si mesmos e não querem que seus membros assumam outros serviços. Quando vários assumem outros ministérios e continuam nos seus grupos, ficam sobrecarregados e se cansam. Talvez o grupo de reflexão devesse ser o grupo de formação de discípulos. Tendo formado novos discípulos, o grupo de reflexão deveria ajudá-los a descobrirem e assumirem os seus lugares na Igreja e na sociedade.

A Arquidiocese tem longa tradição na produção do material (subsídio) para os grupos de reflexão, o “Ninguém Cresce Sozinho”. É um instrumento importantíssimo para a vida dos grupos. Quanto melhor preparado, mais ajuda os grupos a amadurecerem na vida cristã e a se tornarem missionários. Por isso, vale todo o tempo gasto em prepará-lo, principalmente no aspecto do conteúdo e linguagem, mas também nos aspectos gráficos. Cabe aos padres e paróquias todo o investimento financeiro e principalmente de formação dos/as líderes a respeito do subsídio.

3. Sobre a “criação do COMIPA (Conselho Missionário Paroquial) a partir dos membros escolhidos pelas CEBs e Movimentos”

Há um avanço no número de paróquias que passaram a ter o COMIPA. Agora já são 15. Onde ele existe, cresce a consciência da dimensão missionária da Igreja e também se articulam alguns tipos de ajuda material com campanhas para as missões. O COMIPA ajuda na animação e na organização das ações missionárias. Onde ele não existe, o assunto da dimensão missionária da Igreja corre o risco de ficar de fora até das pautas do CPP e de outros conselhos e segmentos da paróquia.

Infelizmente, ainda são 39 paróquias que não têm o COMIPA. É claro que isso é só um indicador, mas ele comprova a necessidade de a nossa arquidiocese continuar trabalhando a dimensão missionária. Nossa Igreja Particular ainda está bastante fechada. Precisa ser uma “Igreja de saída” de si mesma, para ganhar um impulso interno maior. Quanto mais olhamos os de fora e os ajudamos com partilha de recursos humanos e materiais, mais ganhamos em dinamismo evangelizador dentro da própria Igreja.

4. Sobre a “criação da Escola de Formação Bíblico-Teológica por módulos em cada paróquia”

A escola está presente em mais de 40 paróquias e com uma média de 1.500 alunos. Já terminou o 4º ano de funcionamento. É um projeto com efeitos a médio e longo prazo. Cada paróquia terá repassado todos os módulos até o final de 2018. Significa que teremos 1.500 leigos/as a mais com uma formação teológica básica em nossa Arquidiocese. A qualidade da atuação deles/as será muito maior e os efeitos pastorais serão muito positivos.

A formação teológica por si só agrega um valor para a própria pessoa que a comunidade sente por sua atuação na liderança, com intervenções mais bem fundamentadas nas reuniões e encontros, com mais iniciativa e criatividade no enfrentamento dos desafios da paróquia. Mas também capacita leigos/as para serem multiplicadores do conhecimento teológico e assessores melhor preparados nas reuniões, formações, retiros etc.

Talvez, o maior valor da formação teológica seja dar mais autonomia e segurança aos leigos e leigas para que assumam o protagonismo da evangelização nas CEBs e paróquias. Nossa Igreja ainda é bastante clericalista e centralizada nos padres. E isso se deve ao fato de que somente eles fizeram teologia. “Saber é

poder”. A Igreja precisa, cada vez mais, empoderar as leigas e os leigos, e a teologia ajudará muito nisso.

Por isso, apesar de algumas paróquias terem parado com a escola, de alguns professores terem desistido, dos problemas metodológicos e didáticos, da falta de apoio de alguns padres, é fundamental que ela continue a ser incentivada e tenha todas as condições para ir até o fim.

5. Sobre a “implantação do modelo da Iniciação à Vida Cristã na Catequese com crianças e adolescentes”

A nossa Arquidiocese foi corajosa ao decidir implantar a catequese de inspiração catecumenal. A dificuldade maior era romper com um material (subsídio) vindo de fora e ter que elaborar o próprio material, mais adaptado às opções da Igreja Particular. Isso foi enfrentado com criatividade e é um desafio vencido. O material é fundamental, porque ele é quem mais ajuda, com o tempo, a criar a mentalidade da iniciação cristã nos catequistas. E se os catequistas não tiverem essa mentalidade, a catequese continua sacramentalista. Agora, o material está finalizado e, então, percebemos melhor os erros e as necessidades de adaptação. A coordenação da catequese poderá se concentrar na revisão e melhoria dele. O avanço é enorme, apesar das dificuldades.

Como tem sido importante este processo! Ele criou, na catequese, um dinamismo novo, no qual se teve que pensar melhor, fazer novas experiências e mudar a mentalidade de padres, coordenadores, pais e catequistas. Isso elevou bastante a qualidade da catequese. Temos, agora, a expectativa de cristãos melhor formados e maduros que, terminando o período de discipulado sistemático, podem se tornar missionários de Jesus Cristo.

6. Sobre a “implantação do Setor Família ou Pastoral Familiar em todas as paróquias”, os projetos de “acompanhamento dos

casais recém-casados” e “acolhida das pessoas que vivem em situação de casos especiais”

A preocupação com a situação das famílias existe em todas as paróquias e praticamente 40 delas já conseguiram formar a Pastoral Familiar. Ainda há problemas em conhecer esta pastoral, sua organização e sua metodologia, o que tem dificultado sua melhor articulação. Mas o grande destaque aqui é a preocupação da maioria das paróquias em relação aos casos especiais. E não é uma questão conceitual apenas, mas algo concreto, manifestado por diversas iniciativas de acolhimento e integração das pessoas que vivem nessa situação familiar, que tem provocado uma “queda de barreiras e preconceitos”, como veio expresso numa das respostas. Há um longo caminho a percorrer aqui, mas os primeiros passos já foram dados e são consistentes.

Há que se destacar o acompanhamento de casais recém-casados, com formação de diversos grupos específicos. É uma iniciativa bastante válida, mas ainda tímida. As paróquias têm continuado a aprimorar a preparação dos noivos, mas ainda precisa de maior profundidade. É fundamental conseguir preparar melhor os casais para a vida familiar. O Sínodo sobre a Família e a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, do Papa Francisco, trazem um grande estímulo e uma grande esperança para que a Pastoral Familiar se torne vigorosa em todas as paróquias.

7. Sobre a prioridade “Juventude”

Aqui está o nosso maior problema, a grande lacuna, um verdadeiro gargalo. Pelo Censo de 2010, nos 27 municípios da Arquidiocese, havia 125.034 jovens de 15 a 24 anos (17,84% da população da diocese). Se aplicarmos o mesmo percentual da totalidade de católicos da Arquidiocese (67,86%) para os jovens, chegamos a um total de 83.597 jovens católicos. Jovens católicos participantes de grupos são 3.268, de acordo com os dados coletados para essa última Assembleia. Isso significa que estão

engajados em grupos de pós-crisma e de jovens apenas 3,9% dos jovens católicos e 2,61% da população jovem.

Se contarmos os jovens que são catequistas, membros de equipes de liturgia e canto e de outras pastorais e serviços, o número aumenta, mas não muito. Não avançamos praticamente nada na evangelização dos jovens. Mesmo o movimento da RCC, que ainda abarca o maior número de jovens dos grupos, não tem conseguido avançar. Nossa presença junto aos universitários e estudantes do ensino médio é praticamente nenhuma. Estamos bastante confusos, se não perdidos, em relação ao quê e como evangelizar a juventude. A Igreja não parece mais atrativa para eles. Parece que os perdemos. As causas são diversas, mas as principais talvez sejam a questão da cultura e da linguagem digital e a questão urbana. Nossas paróquias não conseguiram acompanhar isso. Podemos dizer que é uma situação de gravidade pastoral, principalmente porque vamos deixando o tempo passar e não reagimos. A estrutura da arquidiocese e das paróquias não manifesta uma preocupação a ponto de fazer com que a evangelização da juventude seja pauta prioritária das reuniões do clero e das pastorais e movimentos; não se promovem debates e estudos sobre isso; não se investem recursos humanos e financeiros de forma significativa. Parece que desistimos ao não eleger de novo a juventude como prioridade. Seria lógico pensar, talvez, que devêssemos colocar como prioridade o que não fizemos, mas não foi o caso aqui.

Talvez o único sinal de esperança seja a experiência do “pós-crisma”. Embora não seja com a juventude propriamente dita, já que atinge os adolescentes de 15 a 17 anos, mas parece que prepara para a formação de grupos de jovens sólidos no futuro. Do total de 3.268 engajados, 622 fazem parte do pós-crisma (19,03%). São 40 grupos na arquidiocese, com presença em 25 paróquias. Há que se elogiar o material produzido pela arquidiocese que tem sido um subsídio importante na caminhada desses grupos. O fato de a catequese com crianças e adolescentes

ter mudado o paradigma para a iniciação cristã pode fazer crescer a perseverança dos adolescentes após a Crisma, o que ajudará na consecução de uma catequese permanente com o pós-crisma e os grupos de jovens. É necessário um esforço para que a juventude seja pauta constante em todas as instâncias da arquidiocese.

8. Sobre a prioridade “Promoção da Vida”

Este ponto nos dá muita esperança de que estamos, de fato, no caminho da verdadeira evangelização, que é a promoção da vida: “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em plenitude” (Jo 10,10). Estamos, realmente, trabalhando pelo Reino de Deus e não para impulsionar a autorreferencialidade de uma instituição. Estamos tentando ser uma “Igreja em saída”, missionária.

Isso pode ser comprovado pelos dados da atuação da Igreja na área da saúde, por meio da Pastoral da Saúde que se faz presente em 35 paróquias, atendendo quem está doente, trabalhando pela prevenção das doenças e atuando nos Conselhos Municipais de Saúde, que fiscalizam e ajudam a administrar as verbas da saúde nos municípios. A Pastoral da Pessoa Idosa, que é relativamente nova, também avançou, e se encontra em 20 paróquias, atendendo, com visitas mensais, a quase 2.500 pessoas.

Nossa arquidiocese está atendida nas questões sociais através da ARAS-Cáritas, que tem uma atuação importante no sentido de assessorar a arquidiocese sobre qual deve ser o seu posicionamento em relação às diversas questões públicas, sempre se pautando pela opção preferencial pelos pobres e de acordo com o Ensino Social da Igreja. Ainda é necessária uma maior integração das pastorais e movimentos que atuam na área social, mas se caminha para isso.

Em relação ao meio ambiente, mesmo com as Campanhas da Fraternidade e a encíclica *Laudato Si*, ainda temos um longo caminho a percorrer. As iniciativas foram mais na área da

formação, faltando ações mais firmes. Existe apoio a alguns projetos e cooperativas de reciclagem, mas é um tanto quanto tímido.

Há que se destacar que 31 paróquias já conseguiram realizar suas festas e promoções sem o uso de bebidas alcoólicas. Do ponto de vista do testemunho e da imagem da Igreja, o resultado tem sido muito positivo. Porém, o melhor é que o ambiente das festas ficou mais saudável e familiar.

Finalmente, é preciso registrar honrosamente a solidariedade das paróquias com diversas obras sociais e assistenciais, com outras paróquias e com outras dioceses. No ano de 2016, só para citar um, foram doados, para obras sociais e assistenciais ligadas à Arquidiocese - R\$ 460.584,00; para o Fundo Arquidiocesano de Solidariedade - R\$ 332.743,34; para as coletas (missões, Guajará-Mirim, Congresso Eucarístico, Domingo de Ramos, Sexta Feira Santa, Advento) - R\$ 542.938,72. O total disso foi de R\$ 1.336.266,06. É uma quantia significativa para um ano. E ainda não foi possível fazer um cálculo exato que, se fosse feito, aumentaria este montante. O significado disso é a solidariedade com quem precisa e com projetos que transformam a sociedade e a vida de muitas pessoas. Isso é, de fato, evangelização, promoção da vida. Revela a preocupação cristã da Igreja de não ficar voltada para si, mas olhar, ter compaixão e curar as feridas de quem sofre; de ir pelo mundo e anunciar, pelo testemunho de solidariedade e partilha, o Evangelho a todos.

PARTE II - JULGAR

ILUMINAÇÃO BÍBLICA E MAGESTERIAL

Após um longo processo que envolveu escuta e discernimento da realidade da evangelização da Igreja diocesana, chegamos às prioridades: **Evangelização no mundo urbanizado, Dimensão missionária e Família.**

Emerge, como grande desafio para a evangelização, o mundo urbanizado e globalizado, fruto dos enormes saltos qualitativos e quantitativos acumulados a partir do progresso científico e inovações tecnológicas e suas rápidas aplicações nos âmbitos da natureza e da vida. Desde a Conferência de Aparecida (2007), os documentos da Igreja vêm apresentando isso como uma “mudança de época”, que “produz transformações que atingem todos os setores da vida humana”, “afetando os critérios de compreensão, os valores mais profundos, a partir dos quais se afirmam identidades e se estabelecem ações e relações” (DGAE 2015-2019, n. 20-21).

Neste novo contexto caracterizado pelo êxodo rural e grandes aglomerações urbanas, a Igreja vem aprofundando a compreensão da sua ação evangelizadora. Ao buscar novas formas de anunciar o evangelho às pessoas do nosso tempo, a Igreja afirma a necessidade de Partir de Jesus Cristo. E nele redescobre a fonte e o modelo de se aproximar, envolver-se e anunciar o Reino de Deus.

1. Indicação de Espiritualidade Bíblica: *Jesus e a samaritana* Exemplo do encontro com Jesus Cristo que desperta para a missão

“A mulher deixou o cântaro, foi à cidade e disse a todos: ‘Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz. Não será ele o Messias?’ Eles saíram da cidade e foram até onde estava Jesus” (Jo 4,28-30).

Estes versículos narram a atitude de uma mulher samaritana depois de um profundo encontro com Jesus. Este encontro é contado pelo evangelista João (4,1-42). É bem conhecido de todos nós. Jesus, viajando da Judeia à Galileia, precisa passar pela Samaria, neste percurso, para, junto ao poço de Jacó; seus discípulos vão à cidade comprar comida. Uma situação comum e corriqueira na vida de pessoas itinerantes, como eram Jesus e seus discípulos. Nisso, chega uma mulher. É desconhecida e sem nome, diríamos: “anônima”, parece igual a tantas outras. Mas se sabe algo sobre ela: é mulher e samaritana. Essas informações já criam barreiras diante de um homem e rabino judeu. Primeira barreira: devido a uma longa história de julgamentos e preconceitos mutuamente alimentados, os judeus não querem nada em comum com os samaritanos. Segunda barreira: não é comum, senão proibido mesmo, que um mestre admita mulheres ao discipulado, que se dirija a elas e converse sobre questões religiosas.

E Jesus está diante desta mulher que vem, com seu cântaro, saciar sua sede no poço de Jacó, o grande patriarca que “nos deu este poço, dele mesmo bebeu, como também seus filhos e seus animais” (v.12). Jesus, vencendo as barreiras, com toda espontaneidade, inicia o diálogo: “Dá-me de beber”. Um rabino judeu quer se servir do cântaro de uma mulher que pertence ao povo samaritano, considerado impuro e desprezível. Como nota o

autor espanhol, José Antonio Pagola²: “Aquilo vai contra tudo que é imaginável em Israel. Jesus se apresenta como um necessitado. Precisa beber água e procura ajuda no coração daquela mulher”. Jesus coloca-se na condição humana básica, no nível de “uma linguagem que todos nós entendemos, pois todos sabemos algo do cansaço, da solidão, da sede de felicidade, do medo e da tristeza. As necessidades básicas nos unem e nos convidam a ajudar-nos uns aos outros, deixando de lado nossas diferenças”.

Então, Jesus “cria um clima novo, mais humano e real”. Ele não se dirige à mulher samaritana “com a superioridade própria dos judeus diante dos samaritanos, nem com a arrogância dos homens para com as mulheres”. E neste clima humano e real criado por Jesus, toca-se a intimidade, os desejos íntimos e profundos dos corações ganham expressão. Primeiro Jesus fala: “Se conhecesses o dom de Deus”. Ele apresenta Deus como um dom que se oferece a todos, como amor salvador que sacia para sempre. A mulher não conhece nada gratuito e nada duradouro. A água tem que ser extraída do poço profundo, precisa do balde, do cântaro e de muito esforço. O amor de seus maridos foi se apagando, um depois do outro.

Então, nela desperta um anseio que mora em todos: a sede da vida plena. E reconhecendo em Jesus o profeta que se sentou e escutou a sede de seu coração, o seu sofrimento e solidão, a mulher também se manifesta: fala de suas dúvidas e questionamentos profundos sobre religião e expressa seu desejo de adoração autêntica a Deus. Descobre-se, nela, que antes era apenas uma mulher samaritana anônima, uma mulher ligada à fonte de Jacó, à tradição onde ela bebe, uma mulher com questionamentos profundos, com sede de autenticidade na adoração a Deus.

O prefácio do 3º Domingo da Quaresma (que no Ano A traz o Evangelho do Encontro com a Samaritana) reza assim o belo

² José Antonio Pagola. *Caminho aberto por Jesus*: João. Vozes, Petrópolis, 2013. p. 75-81.

encontro de Jesus com esta mulher: “Ao pedir de beber a Samaritana, Jesus lhe dá o dom de crer. E, saciada sua sede de fé, acrescenta-lhe o fogo do amor”.

Este foi um encontro fecundo: A mulher deixa o cântaro e vai à cidade anunciar! É significativo o modo como ela anuncia: fala o essencial do que aconteceu com ela e provoca: “Venham ver um homem que me disse tudo o que fiz. Não seria ele o Messias?” (Jo 4,29). Ela não se refere a si mesma, mas chama para conhecer Jesus. Ela não dá respostas, mas desperta nas pessoas o desejo, cada um precisa fazer o encontro com Jesus e, no diálogo com ele, encontrar a resposta.

Ainda merece destaque o modo como Jesus anuncia, ele centra-se no essencial, fala do Dom de Deus, “se conhecesse o Dom de Deus”. Como dissemos acima, o Deus que se faz dom de amor e salvação para a humanidade. Neste sentido, cabe resgatar uma palavra do Papa Francisco: “Uma pastoral em chave missionária não está obcecada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir. Quando se assume um objetivo pastoral e estilo missionário, que chegue realmente a todos, sem exceções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário” (EG 35).

2.Indicações dos Documentos do Magistério

Nesta parte do **JULGAR**, ou iluminação, é importante recorrer aos recentes documentos do Magistério dos Bispos do Brasil e do Papa Francisco. Assim, apresentamos, a seguir, uma proposta de articulação sintética destes documentos.

2.1 O ponto de partida: JESUS CRISTO

A Igreja existe para evangelizar. Em meio às alegrias e esperanças, tristezas e angústias do ser humano de cada tempo, notadamente dos que sofrem (cf. GS, n.1), ela anuncia, por palavras e ações, Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,6).

“Jesus Cristo é a fonte de tudo o que a Igreja é e de tudo o que ela crê” (DGAE 2015-2019, n. 4). Em outras palavras, “toda ação eclesial brota de Jesus Cristo e se volta para Ele e para o Reino do Pai. Jesus Cristo é nossa razão de ser, origem de nosso agir, motivo de nosso pensar e sentir” (DGAE 2011-2015, n. 4).

Desse modo, fica claro que, “em sua missão evangelizadora, ela [a Igreja] não comunica a si mesma, mas o Evangelho, a palavra e a presença transformadora de Jesus Cristo, na realidade em que se encontra” (DGAE 2015-2019, n. 4). Entretanto, para que haja o anúncio de Cristo, é necessário que a Igreja seja uma comunidade formada de discípulos missionários que saibam responder permanentemente à pergunta decisiva: Quem é Jesus Cristo? (Mc 8,27-29). Para responder tal pergunta, o discípulo missionário precisa ter se encontrado e viver da contemplação constante de Jesus Cristo.

O *Documento de Aparecida*, em 2007, afirmava isso: “A todos nos toca recomeçar a partir de Cristo, reconhecendo que não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva, Jesus Cristo” (DAp, n. 12).

E por se tratar de um encontro pessoal, é também necessária a “decisão de *estar com o Senhor*, para viver com Ele. E este ‘estar com Ele’ introduz na compreensão das razões pelas

quais se acredita” (DGAE 2015-2019, n. 10). Por isso, ao encontrar-se com o Senhor (ato de fé), cada pessoa precisa buscar as razões do que acredita (1Pd 3,15), a fim de tomar a decisão de permanecer com Ele, pois, “sendo ainda mais urgente no contexto da nova evangelização, precisamos superar **“sentimentalismos efêmeros e emocionalismo insaciável”** (DGAE 2015-2019, n. 10). A “santidade não é fuga para o intimismo ou para o individualismo religioso, tampouco abandono da realidade urgente dos grandes problemas econômicos, sociais e políticos... e muito menos fuga da realidade para um mundo exclusivamente espiritual” (DAp, n. 148).

Diante disso, a proposta é “confirmar, renovar e revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um **encontro pessoal e comunitário** com Jesus Cristo, que desperte discípulos missionários” (DAp, n. 11). Para tanto, “**a comunhão eclesial**, é o lugar onde se experimenta o fascínio que faz arder os corações (Lc 24,32), e leva a tudo deixar (Lc 5,8-11) e a viver um amor incondicional a Ele (Jo 21,9-17). A paixão por Jesus Cristo leva à verdadeira conversão pessoal e pastoral (Lc 24,47; At 2,36ss)” (DGAE 2015-2019, n. 4; 8).

Quando há, pois, este encontro pessoal e comunitário, formam-se novos discípulos missionários que encontram, nas atitudes **de alteridade** (refere-se ao outro)³ e **gratuidade**⁴, **as marcas que configuram sua vida à de Jesus Cristo**, inserindo-os na comunhão com a *Santíssima Trindade* e comunicando-lhes a

³ A **alteridade** “se fundamenta na encarnação e se refere ao outro, ao próximo, àquele que, em Jesus Cristo, é meu irmão ou minha irmã, mesmo estando do outro lado do planeta. As diferenças convidam ao respeito mútuo, ao encontro, ao diálogo, à partilha e ao intercâmbio de vida e à solidariedade” (DGAE, n. 11).

⁴ A **gratuidade** “encontra no mistério pascal sua máxima expressão e sua fonte permanente. A vida só se ganha na entrega, na doação. “Quem quiser perder a sua vida por causa de mim a encontrará!” (Mt 10,39). Significa amar, em Jesus Cristo, o irmão e a irmã, respondendo, através de atitudes fraternas e solidárias, a grande questão: ‘quem é o meu próximo?’ (Lc 10,29), querendo e fazendo bem ao outro sem nada esperar em troca” (DGAE 2015-2019, n. 11).

missão de anunciar o *Reino de Deus*, com palavras e sinais (DGAE 2015-2019, n.7). Será, pois, com esta comunhão e fidelidade à Cristo, na vivência da alteridade e gratuidade mesma do Senhor, “que cortar-se-á a raiz mais profunda da violência, da exclusão, da exploração e de toda discórdia, pois o discípulo missionário promoverá, à semelhança de Cristo, *a justiça, a paz, a reconciliação e a fraternidade*, que são expressões do Amor” (DGAE 2-15-2019, n. 11-12).

Por isso, para “ser verdadeiro discípulo missionário, exige-se o **vínculo efetivo e afetivo com a comunidade** dos que descobriram fascínio pelo mesmo Senhor” (DGAE 2015-2019, n. 13), “implicando, necessariamente, **amor, gratuidade, alteridade, unidade, eclesialidade, fidelidade, perdão e reconciliação**” (DGAE 2015-2019, n. 15).

Para que o anúncio de Jesus Cristo seja, portanto, profundo e renovador, o Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* (n. 10), resgatou a afirmação de Paulo VI, dizendo que é preciso perceber que “o mundo do nosso tempo, procura, ora na angústia ora com esperança, receber a Boa-Nova dos lábios, não de evangelizadores tristes e descoroçados (desanimados, que perderam as forças), impacientes ou ansiosos, mas sim de ministros do Evangelho cuja vida irradie fervor, pois foram quem primeiro recebeu em si **alegria de Cristo**” (EN, n.75).

A partir disso, “a mudança de mentalidade e de atitude (a conversão pessoal e pastoral) depende, portanto, da superação do medo que impede a missão, colocando novamente Jesus Cristo como o centro de toda ação missionária da Igreja e da vida de cada discípulo missionário” (Doc. 100, n. 194).

2.2 Um desafio: a conversão pastoral

A Conferência de Aparecida continua a nos interpelar quanto à *conversão pastoral*, por meio da qual se ultrapassam os limites de uma “**pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária**” (DGAE 2015-2019, n. 40).

Pensar a conversão pastoral supõe passar de uma pastoral ocupada apenas com as atividades internas da Igreja, a uma pastoral **que dialogue com o mundo**. A Paróquia missionária há de ocupar-se menos com os detalhes secundários da vida paroquial e focar-se mais no que realmente propõe o evangelho (Doc. 100, n. 58).

A conversão e a revisão das estruturas não se realizam para modernizar a Igreja. Mas para buscar maior **fidelidade ao que Jesus quer da sua comunidade**. É exigência da missão a renovação dos costumes, estilos, horários e linguagem. Só assim toda a estrutura eclesial favorecerá mais à evangelização do que a autopreservação da paróquia (Doc. 100, n. 59).

Uma opção missionária **capaz de transformar tudo**. A reforma das estruturas, que **a conversão pastoral exige**, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária, em todas as suas instâncias, seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de “saída” e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade. Como dizia João Paulo II aos Bispos da Oceania, “toda a renovação na Igreja há de ter como alvo a missão, para não cair vítima duma espécie de introversão eclesial” (EG 27).

Jesus se apresentava **como o Bom Pastor que acolhia o povo**, sobretudo os pobres. Seu agir revela um novo jeito de cuidar das pessoas. Esse é o desafio de todo aquele que é colocado diante de uma comunidade, principalmente os bispos, os presbíteros, diáconos e leigos que nela atuam. A renovação paroquial depende de um renovado amor à pastoral, que se exerce como expressão

do sacerdócio recebido pelo Batismo e pela Ordem (Doc. 100, n. 193).

2.3 A inspiração: a promoção da Misericórdia

A Igreja no Brasil se alegra com a proclamação do **Ano Santo da Misericórdia**. Este Ano Santo é o tempo favorável para a Igreja tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes (MV, n. 3). Contudo, a abertura e o fechamento da *Porta Santa* não pode esgotar o desejo, a vontade e a missão de se espalhar a misericórdia de Deus a todas as pessoas (MV, n. 5). A *Porta Santa* deve ser o sinal de uma Igreja que, a partir de agora, almeja, em todo tempo e lugar, proclamar a misericórdia de Deus, a exemplo de Jesus, pois ele mesmo agiu com misericórdia e tudo o que Ele fez decorre da misericórdia (MV, n. 8).

“Na Sagrada Escritura [...], a misericórdia é a palavra-chave para indicar o agir de Deus para conosco. Ele não se limita a afirmar o seu amor, mas torna-o visível e palpável” em seu Filho Jesus, que é “o rosto da misericórdia do Pai”. Por isso, “a Igreja tem a missão de anunciar a misericórdia de Deus, coração pulsante do Evangelho que, por meio dela, deve chegar ao coração e à mente de cada pessoa”, especialmente atenta “**àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais**” (DGAE 2015-2019, n. 6).

2.4 A meta: uma Igreja “em saída”

Ser verdadeiro discípulo missionário exige o **vínculo efetivo e afetivo com a comunidade** dos que descobriram fascínio pelo mesmo Senhor. Ele sabe que exerce sua missão na Igreja, “em saída”. A saída exige “**prudência e audácia**”, “**coragem**” e “**ousadia**” (DGAE 2015-2019, n. 13).

A Igreja vive sua fidelidade a Cristo e ao Evangelho *nos contextos em que se encontra*. O povo de Deus “se encarna nos

povos da Terra”. “Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – comporta sempre um profundo desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela” (DGAE 2015-2019, n. 15).

Jesus tinha um cuidado especial para com os doentes (Mt 1,32), afastados do convívio social, porque eram considerados castigados e viviam de esmolas. **Lançava-lhes um novo olhar**, por isso tocava-os para curá-los, tanto da enfermidade quanto da exclusão social (Doc. 100, n. 68).

Por isso, somos, também nós, convidados a lançar um olhar não somente sobre os que já estão em nosso redil, mas termos a coragem e a audácia de irmos ao encontro dos muitos e muitas que estão perdidos e sem rumo na vida. O Evangelho é a força que impulsiona os discípulos missionários de Cristo à vivência de uma fé que não tem medo e que não se restringe a esse ou aquele grupo, mas que sente a necessidade de ser levado e anunciado a todos os lugares e a todos os homens e mulheres de boa vontade.

PARTE III – AGIR

PRIORIDADES E PROJETOS

Depois de ouvir atentamente as lideranças paroquiais e a sociedade, por meio de suas entidades constituídas, que forneceram os elementos necessários para que a Assembleia pudesse **ver** a realidade da Arquidiocese de Maringá, foi dado o segundo passo, **julgar** essa realidade à luz da Palavra de Deus e do Magistério da Igreja. Agora, a Assembleia, inspirada pelo Espírito Santo, apresenta o seu **agir**. São três prioridades e seis projetos que irão direcionar a ação evangelizadora da Arquidiocese de Maringá nos próximos quatro anos.

1ª PRIORIDADE: EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO URBANIZADO

PROJETO 1: Cidadania e Participação no Mundo Urbanizado

Introdução

A V Conferência do Episcopado Latino-Americano reunida em Aparecida (2007) recomendou, em suas orientações, que os cristãos devem *marcar presença nos centros de decisão da cidade, tanto nas estruturas administrativas como nas organizações comunitárias, profissionais e de todo tipo de associação para velar pelo bem comum e promover os valores do Reino* (DAP nº 518-j). Nesta perspectiva, este projeto se insere no propósito de a Igreja

marcar presença nas instâncias decisórias das cidades circunscritas no território diocesano, de modo que, à luz do Ensino Social da Igreja, a administração das coisas públicas seja um bem voltado a todas as pessoas.

Objetivo Geral (O quê?)

Fortalecer o Conselho Arquidiocesano de Leigos e Leigas de Maringá, capacitando e empoderando os seus membros de forma a viabilizar uma intervenção qualificada junto às estruturas institucionais locais e, assim, ampliar e democratizar o acesso às políticas públicas no município, em vista da superação da dependência e exclusão social.

Justificativa (Por quê?)

Os bispos do Brasil, ao proporem as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil para o quadriênio 2015-2019, reafirmaram o desejo e a importância da participação social e política dos cristãos leigos nos diversos níveis e instituições do Estado (cf. DGAE-doc. 102, nº 123). Segundo o pensamento dos bispos, a crise da democracia participativa faz crescer a importância da colaboração da Igreja no fortalecimento da sociedade civil, na luta contra a corrupção e na fraternidade dos povos. O *Documento de Aparecida* pede “a formação e o acompanhamento de leigos e leigas que, influenciando nos centros de opinião, se organizem entre si e possam ser assessores para toda a ação social” (DAP 518-k). Por isso, é indispensável e urgente que a Igreja de Maringá forme e capacite leigos no acompanhamento das políticas públicas dos seus municípios circunscritos.

A arquidiocese de Maringá, em sintonia com a Igreja no Brasil, reconhece ser do leigo a vocação do exercício nas realidades políticas e, para isso, empenha-se em favorecer estruturas eclesiais em que o leigo possa se sentir apoiado e acolhido na sua fé ao exercer essa vocação junto aos poderes públicos. O Conselho Arquidiocesano de Leigos e Leigas de Maringá (CALLM) deve ser

este espaço de expressão e valorização dos leigos nas realidades políticas e institucionais da cidade e, para isso, os ministros ordenados – bispo, padres e diáconos – devem favorecer a formação humana, espiritual e política segundo o Ensino Social da Igreja. O documento da CNBB nº 105 – *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade* reafirma que “é missão da Igreja oferecer critérios éticos, educação política, conscientização e formação de leigos para o exercício da política” (Doc. 105, nº 261).

Para o bom êxito deste projeto, é importante que todas as paróquias da arquidiocese estejam aptas e dispostas a colaborar na organização de uma cidade melhor, conscientizando os leigos/as sobre os direitos sociais e civis e a responsabilidade pessoal e comunitária na resolução dos problemas do município. É necessário conhecer o plano de urbanização da cidade, para, assim, ajudar no diagnóstico dos problemas do município e propor soluções aos órgãos públicos competentes.

Por fim, os leigos devem exercer esta vocação à vida política em comunhão com a Igreja arquidiocesana, este projeto deve ressoar nas comunidades paroquiais de modo que o Conselho Pastoral Paroquial (CPP) seja o dinamizador destas iniciativas na execução do projeto.

Meios, instrumentos (Como?)

- Indicação de dois membros, pelas paróquias, para integrar o Conselho Arquidiocesano de Leigos e Leigas de Maringá - CALLM;

O representante paroquial junto ao CALLM será o articulador entre as Instituições político-sociais e o CPP. Este representante/articulador poderá formar uma equipe paroquial de intervenção social. É papel desta equipe, em seu respectivo município: Conhecer o *plano piloto de urbanização* das cidades pertencentes à arquidiocese; Ajudar a comunidade local a *diagnosticar os problemas* do bairro/cidade e propor pautas de solução junto aos órgãos

competentes; Acompanhar o *poder público* na elaboração do orçamento municipal, gastos públicos, licitações etc., bem como posicionar-se acerca da legalidade e conveniência destas políticas municipais; Acompanhar as *sessões das Câmaras Municipais*, mediante presença física ou *online*, e repassar à comunidade as decisões referentes a projetos relevantes e do interesse da coletividade municipal.

- Capacitação dos agentes de pastoral à luz do Ensino Social da Igreja, organizada pelo CALLM, tendo como referência A Escola de Cultura, Fé e Política e/ou outros meios de formação que forem necessários;
- Constituição de uma Comissão Permanente, pelo CALLM em parceria com a ARAS-Cáritas, regida por regulamento próprio, para acompanhar as questões político-institucionais nos municípios que abrangem a Arquidiocese de Maringá

A Comissão Permanente dará *suporte técnico-jurídico* aos conselheiros representantes da Igreja junto aos Conselhos Municipais de Direitos e às equipes paroquiais; acompanhará os trabalhos do Fórum Lixo e Cidadania e da Campanha Nacional contra o *Fracking*; poderá firmar parcerias com entidades civis ou públicas que atuem nas áreas de interesse, para fins de assessoramento e desenvolvimento de trabalhos que envolvam conhecimentos técnicos e/ou jurídicos.

- Disponibilização de um secretário executivo contratado pela Arquidiocese de Maringá que garanta a assessoria e articulação do projeto no âmbito diocesano e paroquial;

Cronograma (Quando?)

2017:

Maio/Junho: Indicação de duas pessoas por paróquia para compor o Conselho Arquidiocesano de Leigos.

Agosto: Composição da Comissão Arquidiocesana Permanente e das Equipes Paroquiais.

Agosto/Novembro: Capacitação para os membros da Comissão Permanente e para os representantes paroquiais:

- Estudos básicos: O que é a sociedade; O que é democracia; Participação popular; Análise de conjuntura; Estrutura e atuação local dos três poderes; Pastoral Urbana; Igreja e sociedade à luz do Concílio Vaticano II, do *Documento de Aparecida* e do Documento 105 da CNBB – *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade*;
- Incentivar os membros das Comissões Arquidiocesana e Paroquiais a participarem da Escola de Cultura, Fé e Política, promovida pela ARAS – Associação de Reflexão e Ação Social;
- Acompanhamento das discussões já em andamento - Política local sobre os resíduos sólidos urbanos, com participação no Fórum Lixo e Cidadania e na campanha nacional contra o *fraking*. Conhecer o plano piloto de urbanização dos municípios.

Novembro: Avaliação do caminho realizado para a implantação do projeto em nível diocesano e paroquial.

2018-2020:

O calendário das atividades abaixo mencionadas será elaborado anualmente pela Comissão Arquidiocesana e pelas Equipes Paroquiais.

- Acompanhamento às Câmaras Municipais, Conselhos de Direitos, bem como outras iniciativas políticas no município;
- Firmar parcerias com entidades afins para o acompanhamento e assessoria nas demandas que dependam de respaldo técnico-jurídico;
- Repasse e intercâmbio de informações sobre os trabalhos realizados pela Comissão Permanente e pelas equipes paroquiais à secretaria executiva do CALLM, para fins de divulgação nos meios de comunicação social da arquidiocese.
- Avaliação do projeto no respectivo ano de sua execução.

Responsável (Quem?)

Conselho Arquidiocesano de Leigos e Leigas de Maringá, ARAS-Cáritas e CPPs.

PROJETO 2: Serviço Pastoral do Migrante

Introdução

Diante do cenário mundial em que as pessoas são forçadas a deixarem suas casas por conta da seca, fome, catástrofes naturais, crimes ambientais, guerras etc., “a Igreja, como mãe, deve sentir-se como Igreja sem fronteiras” (DAp, 412), é necessário e urgente criar mecanismos eclesiais de acolhimento e acompanhamento das pessoas em situação de mobilidade.

Aparecida nos lembra de que: “É expressão de caridade, também eclesial, o acompanhamento pastoral dos migrantes” (DAP, 411). A Igreja de Maringá, consciente de sua missão, busca ir ao encontro de tantas pessoas que deixaram seus lugares de origem e hoje procuram, em nossas cidades e paróquias, um espaço onde possam se estabelecer e encontrar meios para o sustento de suas famílias.

Objetivo Geral (O quê?)

Criar o serviço Pastoral do Migrante em todas as paróquias em que residam pessoas em situação de mobilidade humana, em vista do seu acolhimento, apoio, orientação, promoção e evangelização.

Justificativa (Por quê?)

Os bispos da América Latina e do Caribe reconheceram que “é insuficiente o acompanhamento pastoral para os migrantes e itinerantes” (DAP, 100e). Diante dessa constatação, a Arquidiocese de Maringá sente-se impelida a organizar um serviço pastoral que acolha, apoie, oriente e cuide da evangelização destes tantos irmãos e irmãs que vivem em situação de mobilidade humana.

Na *Bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia*, o Papa Francisco nos recordou que uma das obras de misericórdia a que todo cristão católico deveria estar comprometido trata de acolher os peregrinos (MV, 22). Portanto, nestes tempos em que muitos são forçados a deixar seus países por conta da guerra, da miséria e de tantos outros motivos, cabe a nós, cristãos, abriremos “os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade” (MV, 22).

Meios, instrumentos (Como?)

- Conscientização da comunidade cristã e da sociedade em geral, através dos meios de comunicação social, bem como dos diversos encontros e reuniões paroquiais e diocesanas, sobre o fenômeno migratório e a real situação das pessoas em situação de mobilidade humana;
- Realização de Simpósios/Fóruns/Debates sobre a questão da mobilidade humana;
- Formação para agentes paroquiais que integrarão o serviço Pastoral do Migrante;
- Levantamento dos endereços dos migrantes e estrangeiros residentes nas paróquias;
- Visitas às casas dos i-migrantes para conhecê-los e acolhê-los;
- Cadastramento dos i-migrantes em vista de facilitar o atendimento;
- Promoção de encontros, em nível paroquial ou de Região Pastoral, entre os i-migrantes e os representantes das instituições públicas e da sociedade civil, visando à inserção dessas pessoas no mundo do trabalho e na vida social;
- Inserção dos i-migrantes católicos nas comunidades eclesiais;
- Celebrações ecumênicas e inter-religiosas;
- Valorização da cultura dos diversos povos, por meio de exposições e apresentações culturais;
- Participação ativa nos Conselhos Municipais e Estaduais, com o intuito de ampliar as políticas públicas que garantam os cuidados com a saúde, a segurança alimentar e nutricional e a assistência jurídica às pessoas em situação de i-migração;
- Criação de um curso de Língua Portuguesa para estrangeiros.

Cronograma (Quando?)

2017:

Maió-Agosto:

- Elaboração de material informativo sobre o Serviço Pastoral do Migrante.
- Esclarecimento, junto aos CPPs e por meio das mídias locais, sobre o Serviço Pastoral do Migrante.
- Indicação de pessoas de cada paróquia para compor a Pastoral do Migrante.
- Semana Nacional do Migrante (11-18 de junho).
- Criação da Escola de Língua Portuguesa para Estrangeiros.

Setembro-Dezembro:

- Formação de Agentes paroquiais do Serviço Pastoral do Migrante.

2018:

Fevereiro-Maio:

- Levantamento dos endereços dos i-migrantes e visitas regulares.
- Capacitação de novos Agentes.

Junho:

- Semana Nacional do Migrante.
 - Palestra sobre Segurança Alimentar e Nutricional
 - Palestra sobre Saúde do homem
 - Palestra sobre Saúde da Mulher
 - Palestra sobre Justiça do Trabalho
 - Celebração ecumênica/inter-religiosa

Julho-Dezembro:

- Encontro com i-migrantes nas paróquias ou nas regiões pastorais.
- Visitas regulares e cadastramento.
- Avaliação do projeto.

2019-2020:

- Continuação do programa de conscientização e esclarecimento sobre a situação das pessoas em condição de mobilidade humana.
- Capacitação de novos Agentes.
- Visitas e cadastramento.
- Semana Nacional do Migrante.
- Encontros com estrangeiros nas paróquias ou regiões pastorais.
- As demais atividades serão programadas anualmente pela Pastoral do Migrante.

Responsável (Quem?)

ARAS-Cáritas e CPPs.

PROJETO 3: Cuidado com a Casa Comum: por uma Espiritualidade Ecológica

Introdução

Pela Palavra de Deus, sabemos que “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom” (Gn 1,31a). Que Deus, ao criar, entrega tudo nas mãos do ser humano dando-lhe a missão de “cultivar e guardar” (Gn 2,15). A Lei de Israel tinha marcas ecológicas, defendendo, ao mesmo tempo o direito dos pobres, um limite à exploração da terra e a economia (Ex 23,10-11). O salmista conclama toda a natureza a louvar ao Senhor (Salmo 148). Jesus utiliza elementos naturais em suas pregações e milagres, a salvação trazida por Cristo é uma nova criação. Paulo une a fé à criação e à salvação: “porque nele foram criadas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis”, e nele todas as coisas serão reconciliadas (cf. Cl 1,15-20), “de fato, a criação foi submetida à vaidade (...) na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8,20-21). Diante disso, a Arquidiocese de Maringá reconhece que é chegada a hora de fortalecer, em cada cristão e na instituição como um todo, o

“dever de entregar a terra às novas gerações num estado tal que também elas possam dignamente habitá-la e continuar a cultivá-la” (CV, 50). Para que isso aconteça, propõe-se passar do consumo ao sacrifício, da avidez à generosidade, do desperdício à capacidade de partilha (LS, 9), lembrando que toda a abordagem ecológica deve integrar uma perspectiva social que tenha em conta os direitos fundamentais dos menos favorecidos (LS, 93).

Objetivo Geral (o quê?)

Promover uma espiritualidade ecológica em vista de uma conversão pessoal e institucional que leve, por um lado, cada cristão a exercer boas práticas, consumo consciente e o cuidado com a casa comum, e, por outro, a Mitra Arquidiocesana a adotar a arquitetura sustentável em todas as suas construções, garantindo um meio ambiente mais sustentável.

Justificativa (Por quê?)

O domínio conferido por Deus ao homem não é um poder absoluto, nem se pode “usar e abusar” (SRS, 34), pois homem e natureza dividem um futuro comum (Cf. Mensagem do Papa Paulo VI à Conferência de Estocolmo). A degradação ambiental mostra-se como resultado do uso predatório e inconsequente. João Paulo II denunciava o pressuposto errôneo de “que existe uma quantidade ilimitada de energia e de recursos a serem utilizados, que a sua regeneração seja possível de imediato e que os efeitos negativos das manipulações de ordem natural podem ser facilmente absorvidos”, difundindo-se “uma concepção reducionista que lê o mundo natural em chave mecanicista e o desenvolvimento em chave consumista” (Cf. Compêndio da DSI, 462).

Um desenvolvimento produtivo mais criativo geraria formas mais inteligentes e rentáveis de reutilização, recuperação funcional e reciclagem (LS, 192). A mudança nos estilos de vida

poderia, certamente, exercer pressão sobre os detentores de poder (LS, 206).

A muitos cristãos falta uma conversão ecológica “que comporta deixar emergir, nas relações com o mundo que os rodeia, todas as consequências do encontro com Jesus. Viver a vocação de guardiões da obra de Deus não é algo de opcional nem um aspecto secundário da experiência cristã, mas parte essencial duma existência virtuosa” (LS, 217).

Somente a partir de uma experiência viva com o Deus Criador, o cristão será capaz de repensar suas ações perante a criação, como fruto da expressão de sua fé. Assim, uma “espiritualidade ecológica supõe uma conexão empática com a realidade, cujo traço fundamental é a unidade indivisível entre Deus, o mundo, o humano”. Cada cristão é convidado a viver em sua prática comunitária e social a experiência do mandado de Deus: “cuidar e guardar” a criação. Cabe à Igreja propor elementos que levem os fiéis a uma espiritualidade que promova o “reencantamento diante da Criação, no indignar-se ante os prejuízos à comunidade de vida, no informar-se sobre a situação ecológica, no articular criticamente os dados, adquirir uma visão eco-sistêmico-relacional do mundo, implementar ações individuais e impulsionar ações coletivas”.

Meios, instrumentos (como?)

- Parcerias com instituições afins que colaborem na difusão da utilização de métodos de correta separação do lixo doméstico, viabilizando, assim, a compostagem e a reciclagem dos resíduos sólidos;
- Utilização dos meios de comunicação para promover a educação ambiental e o consumo consciente de forma permanente;
- Instalação de pontos de coleta seletiva nas praças das igrejas para a coleta de material reciclável;

- Elaboração de material sobre conscientização e espiritualidade ecológica para ser trabalhado com a catequese infantil e adolescente;
- Realização de atividades celebrativas e de conscientização sobre o cuidado da casa comum durante a Semana do Meio Ambiente (30 de maio a cinco de junho);
- Criação de uma comissão (formada por especialistas, leigos e clérigos) para acompanhar a elaboração dos projetos de construção e reformas nas obras da Arquidiocese, aplicando os critérios para uma arquitetura sustentável.

Cronograma (Quando?)

2017:

Maio-Dezembro:

- Instituição da Comissão que irá gerir o desenvolvimento do projeto de arquitetura sustentável.
- Início do diagnóstico detalhado das intervenções necessárias a serem feitas nos prédios da Mitra Arquidiocesana.
- Parceria com as cooperativas de reciclagem e o poder público para a instalação de ecopontos nas praças das paróquias para a coleta de material reciclável.
- Elaboração do material didático e da metodologia a ser utilizada com os catequizandos para instrução sobre o consumo consciente e ecologicamente sustentável.
- Instalação de ecopontos nas praças das paróquias para a coleta de material reciclável.
- Celebração do dia de São Francisco de Assis como dia de espiritualidade ecológica.
- Avaliação do projeto.

2018:

Janeiro-Junho:

- Início dos trabalhos de adequação dos prédios da Mitra Arquidiocesana em vista da implantação de uma arquitetura sustentável.
- Realização de seminários, palestras e encontros sobre educação ambiental e ecologia integral para lideranças e comunidade em geral.
- Continuidade do programa de educação sobre o consumo consciente e ecologicamente sustentável com os catequizandos.
- Elaboração de material de divulgação e conscientização sobre o consumo consciente e ecologicamente sustentável a ser propagado nos meios de comunicação e distribuído para a comunidade em geral.
- Realização da Semana do Meio Ambiente (30 de maio a cinco de junho).

Julho-Dezembro:

- Realização de seminários, palestras e encontros sobre educação ambiental e ecologia integral para lideranças e comunidade em geral.
- Celebração do dia de São Francisco de Assis como dia de espiritualidade ecológica.
- Avaliação do projeto.

2019-2020:

- Continuidade das obras de adequação referente à arquitetura sustentável.
- Continuidade da educação sobre o consumo consciente e ecologicamente sustentável com os catequizandos e a comunidade em geral.
- Realização de seminários, palestras e encontros sobre educação ambiental e ecologia integral para lideranças e comunidade em geral.

- Realização da Semana do Meio Ambiente (30 de maio a cinco de junho).
- Celebração do dia de São Francisco de Assis como dia de espiritualidade ecológica.
- Avaliação do projeto.

Segundo Semestre de 2020: Avaliação do projeto no quadriênio com a rediscussão das metas e fixação das alterações necessárias.

Responsável (Quem?)

Comissão arquidiocesana formada por especialistas leigos e clérigos.

PROJETO 4: Implantação da Pastoral da Comunicação (PASCOM) em todas as paróquias e qualificação dos comunicadores

Introdução

“Ide por todo o mundo, proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,9-15). O anúncio da palavra, missão da Igreja, é a base da missão da Pastoral da Comunicação. Em 2014, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou o *Directorio de Comunicação da Igreja no Brasil* (Documento 99), que direciona toda a Igreja a projetar, em seus planos pastorais, a implantação da Pastoral da Comunicação nas paróquias.

A comunicação profissional, com a sua devida importância, sozinha, não é capaz de comunicar toda a beleza dos processos de evangelização, sem que tenha a ajuda de uma pastoral. Assim, trabalhos com profissionais da comunicação terão mais efetividade se, nas bases, a Igreja contar com o serviço da Pastoral da Comunicação.

Objetivo (O que?)

Implantar ou implementar a PASCOM em todas as paróquias, atentando para a formação de seus membros, articulação, produção de material, com foco na espiritualidade do comunicador.

Justificativas (Por quê?)

No mundo contemporâneo, urbanizado e sem fronteiras, a comunicação ocorre de forma constante, evolutiva e dinâmica. A evolução dos tempos levou também a uma melhora nos processos de comunicação. Várias novas linguagens estão sendo criadas a todo momento e, neste contexto, para continuar a dialogar, ser ouvida e compreendida pelos seus fiéis e pela sociedade em geral, a Igreja precisa usar as novas linguagens com eficiência e eficácia.

Segundo o *Diretório da Comunicação da Igreja no Brasil* (DOC 99 CNBB): “A Pastoral da Comunicação precisa ser priorizada nos planos de ação da Igreja em todas as suas instâncias” (n. 7). A função da Pastoral da Comunicação é ser a grande articuladora dos processos de comunicação e, por isso, deve estar na base, ou seja, nas paróquias, nas pastorais e movimentos.

Muitos dos nossos comunicadores cometem equívocos no uso das linguagens nas diversas atividades desenvolvidas pela Igreja, de forma a não alcançar seus objetivos na evangelização. Quem são os nossos comunicadores? O secretário e a secretária da paróquia, o padre, o diácono, os ministros, os músicos, os proclamadores da Palavra, os catequistas, a equipe de acolhida. Enfim, todos somos comunicadores. Aqui também incluímos os comunicadores profissionais que trabalham em nossos meios de comunicação.

Para se dirigir ao público eficazmente, seja este qual for, não basta que o comunicador tenha boas intenções. Ele precisa ser capacitado para comunicar com eficiência. Ninguém nasce bom comunicador, faz-se bom comunicador.

“Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 48, p. 42). Segundo o Papa Francisco, não devemos ter medo de ir, de fazer as coisas. Mesmo que nossos comunicadores não sejam perfeitos – pois ninguém é perfeito – não devemos deixar de ir, de evangelizar, de nos arriscar. E neste caminho, temos que viver um processo constante de capacitação.

Os meios de comunicação da Arquidiocese de Maringá – Revista Maringá Missão, Rádio Colmeia e portal <http://arquidiocesedemaringa.org.br>, além do Serviço de Assessoria de Comunicação e Imprensa, todos articulados por meio do SIAM, Serviço de Informação da Arquidiocese de Maringá – podem e devem ser sempre lembrados como base estratégica para que a comunicação arquidiocesana seja feita de forma qualificada e que proporcione resultados efetivos para a evangelização.

Dentro deste contexto, que mostra uma Igreja viva e atuante, a implantação e implementação da Pastoral da Comunicação nas paróquias vai possibilitar que essa força da comunicação arquidiocesana seja ainda mais eficaz e colabore para cumprir a missão da Igreja, que é evangelizar.

Meios, instrumentos (Como?)

- Preparação de uma equipe da PASCOM em cada paróquia com uma coordenação que irá representar a paróquia junto à coordenação arquidiocesana da PASCOM.
- Ampliação do serviço de Assessoria de Comunicação da Arquidiocese por região pastoral.
- Organização de uma equipe técnica para assessorar as paróquias nas reformas e construções das igrejas no que se refere à sonorização dos ambientes.
- Criação de uma plataforma *online* para implantação de cursos de Ensino a Distância (EAD), com a finalidade de auxiliar no processo

de formação dos cristãos em nível arquidiocesano. O conteúdo dos cursos EAD deve considerar também a tradução em LIBRAS.

- Ampliação do espaço de evangelização, por meio de informação e discussão de questões sociais nos meios de comunicação de que a Arquidiocese dispõe.

Cronograma (Quando?)

2017:

- Apresentar, nas reuniões do clero e CAAE, um painel sobre o atual serviço de comunicação que a arquidiocese disponibiliza.
- Estudo sobre o *Diretório de Comunicação da CNBB* (Doc. 99).
- Nomeação dos membros que irão compor a equipe da PASCOM em cada paróquia.
- Levantamento de informações sobre a criação da plataforma *online* para curso EAD.

2018:

- Formação para as novas equipes de PASCOM.
- Realização do Mutirão de Comunicação Arquidiocesano.
- Implantação da disciplina de Teoria e Prática da Comunicação na Escola de Teologia para Cristãos Leigos.
- Criação de programas de Rádio, Televisão e *WebTV* que favoreçam a informação e o debate sobre questões sociais.
- Criação da plataforma *online* para curso EAD.
- Criação da equipe técnica que ajudará na orientação dos projetos de sonorização das paróquias ou construções da Mitra.
- Avaliação do projeto como um todo.

2019-2020:

- Continuação da implantação e formação das equipes paroquiais de PASCOM.
- Realização do Mutirão de Comunicação Arquidiocesano (2020).
- Aprimoramento dos programas de Rádio, Televisão e *WebTV* que favoreçam a informação e o debate sobre questões sociais.

- Aprimoramento da plataforma *online*.
- Continuidade do acompanhamento dos projetos de sonorização das paróquias.
- Avaliação do projeto como um todo (2020).

Responsável (Quem?)

PASCOM Arquidiocesana.

2ª PRIORIDADE: DIMENSÃO MISSIONÁRIA

PROJETO: “Igreja em saída” – Comunidades em Estado Permanente de Missão

Introdução

O presente projeto, como fruto da 24ª Assembleia Arquidiocesana da Ação Evangelizadora, visa traçar um plano de ação para fortalecer as nossas paróquias em redes de comunidades irradiadoras da boa notícia de Jesus Cristo. Comunidades de comunidades em estado permanente de missão. Comunidades atentas às diversas situações das pessoas: aos fiéis que frequentam regularmente a comunidade, às pessoas batizadas que já não vivem as exigências do batismo, aos que não conhecem Jesus Cristo ou que o recusam (DOC. 102, n.74).

Objetivo Geral (O quê?)

Proporcionar condições para que as CEBs e outras comunidades se tornem cada vez mais lugar do encontro com Jesus Cristo, a fim de que, por meio de uma formação sólida e de uma vivência fraterna, seus membros vivam como autênticos discípulos-missionários capacitados para o anúncio e o testemunho do Evangelho em uma Igreja em estado permanente de missão.

Justificativa (Por quê?)

Verifica-se um crescente processo de secularização da sociedade, no qual grande número de pessoas batizadas já não vive mais a fé, as famílias já não conseguem transmiti-la e muitos nem conhecem Jesus Cristo. O mundo cada vez mais urbanizado e marcado por uma cultura que favorece o individualismo e o isolamento das pessoas que, no aprofundamento da cultura do descartável, podem ser considerados resíduos. Neste contexto, cresce o número de pessoas “que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida” (EG 49).

A Igreja, “missionária por natureza”, existe para anunciar a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo (AG 2), não pode fechar-se à dimensão missionária. “Por isso, a Conferência de Aparecida e a *Evangelii Gaudium* convocam a Igreja a ser missionária, em estado permanente de missão”. A missão é o paradigma de toda obra da Igreja. A missão é o rosto próprio da Igreja. “É necessário, portanto, suscitar, em cada batizado e em cada forma de organização eclesial, uma forte consciência missionária que interpele o discípulo missionário a ‘primeirar’, isto é, a tomar a iniciativa, a ‘sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Jesus Cristo’” (DGAE, 35–38).

A comunidade, vivendo a alegria do Reino, compartilhando a vida e a oração, o cuidado e o amor uns com os outros, constitui-se em centro de irradiação do Evangelho, “casa” acolhedora e lugar de crescimento na fé. Portanto, o empenho na descentralização da paróquia e a conseqüente valorização das CEBs e demais pequenas comunidades deveria ser a grande missão da Igreja que busca desenvolver a cultura da proximidade e do encontro. Afinal, “o que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é, justamente, a missionariedade” (DOC. 100, n. 191).

Meios, Instrumentos (Como?)

- Elaboração de um subsídio que funcionará como Marco Referencial para a ação missionária da diocese que contemple os três níveis da missão: Pastoral Ordinária/Manutenção, Reevangelização (ir ao encontro dos afastados) e Missão *Ad gentes*/Além-fronteiras;
 - Esse subsídio constará de um programa formativo para lideranças de CEBs e outras comunidades, bem como para a formação de discípulos missionários por meio do método da Iniciação à Vida Cristã.
- Implantação e fortalecimento do COMIPA em todas as paróquias da Diocese;
- Elaboração de um plano de ação missionária em cada Paróquia, o qual deverá fazer parte do Plano de Ação Evangelizadora paroquial;
- Especificação, no plano de ação missionária de cada Paróquia, como ou em quais projetos Além-fronteiras serão aplicados os recursos provenientes da dimensão missionária do dízimo e das coletas e campanhas missionárias;
- Realização da novena missionária nos grupos de reflexão e outros que desejarem.

Cronograma (Quando?)

2017:

Maio-Outubro:

Elaboração do subsídio Marco Referencial Missionário.

Setembro-Outubro:

Realização da Novena Missionária e da Coleta para o Dia Mundial das Missões.

Até Fevereiro de 2018: Elaboração dos Planos Paroquiais de Ação Evangelizadora com seus respectivos Planos de Ação Missionária.

2018:

Janeiro-Junho:

Visita aos CPPs para orientação sobre a implantação dos COMIPAs e apresentação do Marco Referencial Missionário.

Fevereiro-Junho:

Encontro mensal para assessores do programa formativo para lideranças e propagadores da Iniciação à Vida Cristã.

Julho-Dezembro:

Ações missionárias paroquiais; implantação dos COMIPAs; Articulação do programa formativo para lideranças e propagadores da Iniciação à Vida Cristã nas paróquias ou regiões pastorais.

Setembro-Outubro:

Realização da Novena Missionária e da Coleta para o Dia Mundial das Missões.

Até Fevereiro de 2019: Elaboração dos Planos Paroquiais de Ação Evangelizadora com seus respectivos Planos de Ação Missionária. Avaliação das atividades previstas no plano anterior.

2019-2020:

Realização das ações missionárias paroquiais; Implantação do Programa Formativo para lideranças e propagadores da Iniciação à Vida Cristã.

Responsável (Quem?)

COMIDI, Escola de Evangelização Santo André, CPPs e CEBs.

3ª PRIORIDADE: FAMÍLIA

PROJETO: Evangelização integral das famílias por meio do Setor Família

Introdução

Consciente de que a “Igreja é família de famílias, constantemente enriquecida pela vida de todas as igrejas domésticas” (AL 87), a Arquidiocese de Maringá elegeu, novamente, a **Família** como uma de suas prioridades de ação para os próximos quatro anos. A família é dom de Deus para o mundo. Quando uma família se propõe a viver o projeto de Deus, ela se torna lugar do acolhimento, da ternura, da segurança, da partilha, da solidariedade mais profunda e da caridade mais perfeita.

Contudo, a Igreja é também consciente de que nem todas as famílias vivem segundo esse projeto de Deus. Muitas são as situações que dificultam e, às vezes, até impedem a família de viver segundo o projeto de Deus. É, de maneira especial, para essas famílias que a Igreja é chamada a se voltar com um olhar de misericórdia e compaixão.

O apelo desse projeto é que cada paróquia intensifique suas ações de acolhimento, apoio, orientação e evangelização das famílias. “A principal contribuição da pastoral familiar é oferecida pela paróquia, que é família de famílias, onde se harmonizam as contribuições de pequenas comunidades, movimentos e associações eclesiais” (AL 202).

Objetivo Geral (O quê?)

Organizar o Setor Família nas paróquias para que se possa ampliar e aprimorar o serviço de acolhimento, apoio, formação e evangelização das famílias da Arquidiocese.

Justificativa (Por quê?)

O Papa Francisco nos lembra de que: “Não basta inserir uma genérica preocupação pela família nos grandes projetos pastorais; para que as famílias possam ser sujeitos cada vez mais ativos da pastoral familiar, requer-se ‘um esforço evangelizador e catequético orientado para o núcleo da família’, que caminhe nesta direção” (AL 200). Por isso, a Arquidiocese de Maringá propõe a organização do Setor Família, para que, somando esforços e experiências, possa se traçar um caminho evangelizador e catequético mais contundente.

Para que a mensagem evangelizadora e catequética chegue até as famílias de hoje é preciso se valer dos meios mais eficazes de comunicação de que dispomos. Há décadas, o padre Zezinho, scj, já dizia em uma de suas canções: “Sei que a televisão, o rádio e os jornais convencem mais cabeças do que o padre lá no altar.” Hoje, poderíamos acrescentar, para além da televisão, do rádio e dos jornais, as redes sociais, que é o grande veículo de comunicação, informação e aglutinação de pessoas da atualidade. A Igreja não pode se furtar ao uso desses meios para que a “boa notícia da família” chegue a todas as pessoas.

Por fim, este projeto se justifica pelo simples fato de que a Igreja, como mãe, deve se preocupar com o bem e a salvação de todos os seus filhos e filhas. A família é a igreja doméstica que, reunida com outras igrejas domésticas, formam a igreja comunidade. Uma Igreja que não cuida da família é uma igreja condenada ao fracasso. Se acreditarmos que, apesar de suas mazelas, a Igreja é a portadora do grande tesouro do Evangelho a todas as gerações, então, investir na família, não apenas como geradora de vida, mas como geradora de discípulos missionários de Jesus Cristo, é tarefa indispensável.

Meios, instrumentos (Como?)

- Formação do Setor família nas paróquias, com os representantes das pastorais, movimentos e

associações que já trabalham com a evangelização da família.

- Levantamento de dados de tudo aquilo que tem sido feito na paróquia em favor das famílias e seus membros. O que falta ainda ser feito? Tomar como base as propostas dos setores da Pastoral Familiar e unir os esforços naqueles projetos que estão deficitários na paróquia, sem deixar de viver o carisma de cada grupo.
- Elaboração de materiais de áudio e vídeo, os quais possam ser veiculados nos meios de comunicação local em datas comemorativas, como dia das mães, pais, entre outras, e que exaltem os valores da família cristã.
- Criação de um aplicativo para celulares, *smartphones* e *tablets*, o qual contemple a Leitura Orante da Palavra de Deus e uma Catequese diária para a família.
- Estabelecimento de um espaço físico que funcione como um Centro Arquidiocesano de Referência e Apoio às variadas necessidades das famílias, bem como dos agentes de evangelização das mesmas.

Cronograma (Quando?)

2017:

Maió-Agosto:

- Organização do Setor Família.

Agosto-Novembro:

- Levantamento das atividades já desenvolvidas pela pastoral familiar, pelos movimentos e associações que trabalham com a evangelização das famílias.

- Cotação de valores e produção de materiais de áudio e vídeo para veiculação na mídia local.

- Início das discussões e estudos sobre o Centro de referência e apoio à família.

- Formatação do Aplicativo de Leitura Orante e Catequese familiar.

2018:

- Lançamento do Aplicativo de Leitura Orante e Catequese familiar.
- Definição do espaço físico que abrigará o Centro de referência e apoio à família.
- Veiculação das “propagandas católicas” nas datas comemorativas relativas à família.
- Continuação das reuniões do Setor Família nas paróquias.
- Avaliação do projeto.

2019-2020:

- Manutenção das ações próprias do projeto.
- Reunião periódica do Setor Família para estudo e elaboração de novas ações.
- Avaliação do projeto (2020).

Responsável (quem?)

A Pastoral Familiar fará frente ao projeto até que o Setor Família esteja organizado.

CONCLUSÃO

Ao concluirmos este Plano da Ação Evangelizadora, podemos render graças a Deus por todo o caminho percorrido. Foi um longo caminho de muitos encontros, conversas, reflexões, orações e mútua ajuda. Esse caminho nos revelou que a Arquidiocese de Maringá está determinada a continuar sendo uma Igreja de comunhão e participação. Uma Igreja disposta a ouvir os sinais do tempo presente, em vista de uma ação mais eficiente e eficaz, num mundo cada vez mais complexo e urbanizado.

Atenta aos apelos da Igreja universal, a Assembleia reafirmou o compromisso com a *Missão*. Só uma opção decididamente missionária poderá fazer com que a Igreja supere algumas estruturas caducas e ultrapassadas e permita que o Espírito Santo, que *faz novas todas as coisas*, renove-a e a transforme numa Igreja “em saída”, capaz de sentar-se junto ao poço para pedir água aos que dele se aproximam, mas também para oferecer a *água viva* que é o próprio Jesus.

Por fim, a Arquidiocese de Maringá também reafirmou o compromisso de cuidar da Família, a Igreja doméstica. A família é geradora de vida e de vocações, sempre esteve presente no plano da salvação. No princípio, “Deus criou o homem e a mulher, os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos” (cf. Gn 1, 27-28). Na nova criação, Deus quis escolher uma família para que seu plano de salvação pudesse ser levado à completude. Assim, confiamos à Sagrada Família de Nazaré toda a nossa Arquidiocese

e todos os trabalhos de implantação deste nosso 24º Plano Arquidiocesano da Ação Evangelizadora.

ANEXO 1

Resumo das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2015 - 2019

As cinco urgências da ação evangelizadora no processo de planejamento pastoral

“As cinco urgências na evangelização precisam estar presentes nos processos de planejamento pastoral das Igrejas particulares e instituições eclesiais. Tais urgências dizem respeito à busca de caminhos para a vivência e a transmissão da fé. Elas são o elo entre tudo que se faz em termos de evangelização no Brasil. Põem a Igreja ‘em movimento de saída de si mesma, de missão centrada em Jesus Cristo, de entrega aos pobres” (DGAE 2015-2019, n. 31).

1. Igreja em estado permanente de missão

“A Igreja é missionária por natureza. Existe para anunciar, por gestos e palavras, a pessoa e a mensagem de Jesus Cristo. Fechar-se à dimensão missionária implica fechar-se ao Espírito Santo, sempre presente, atuante, impulsionador e defensor (Jo 14,16; Mt 10,19-20)” (DGAE 2015-2019, n. 35).

Com este pensamento, as DGAE 2015-2019 reforçam o apelo realizado pela Conferência de Aparecida e pela Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*: “a Igreja deve ser toda **missionária e em estado permanente de missão**”. É preciso, pois, deixar o medo, a comodidade e ter a coragem de alcançar todas as

periferias que precisam da luz do Evangelho, pois a alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém (DGAE 2015-2019, n. 36).

A missão “é o paradigma de toda a obra da Igreja”. Contudo, é necessário suscitar, em cada batizado e em cada forma de organização eclesial, uma forte consciência missionária. Para isso, é urgente a necessidade de **pensar estruturas pastorais** que favoreçam a realização da atual consciência missionária (DGAE 2015-2019, n. 37-38; 40).

O espírito missionário “deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais”, a ponto de deixar para trás práticas, costumes e estruturas que, por corresponderem a outros momentos históricos, atualmente, não favorecem a transmissão da fé (DGAE 2015-2019, n. 40). Segundo o Papa Francisco, “a pastoral em chave missionária exige o abandono deste cômodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’” (EG 33), pois “o que derruba as estruturas caducas, o que leva a mudar os corações dos cristãos é justamente a *missionariedade*”.

Repensar objetivos, estruturas, estilos e métodos evangelizadores das nossas comunidades (EG 33), assumindo um estilo decididamente missionário, é superar a tentação de fazer com que a comunidade paroquial seja autorreferencial, ocupando-se apenas de suas questões internas, tendendo a atrair cada vez menos pessoas (Doc. 100, n. 60). Para isso, é preciso **ousadia e coragem**; mas, ao mesmo tempo, exige a capacidade de viver em comunhão (EG 33), pois “**o discípulo de Cristo não é uma pessoa isolada** em uma espiritualidade intimista, mas uma pessoa em comunidade para se dar aos outros” (Doc. 100, n. 60).

“Se pretendemos colocar tudo em chave missionária, isso se aplica também à maneira de comunicar a mensagem” (EG 34). “Uma pastoral em chave missionária não está obcecada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir. Quando se assume um objetivo pastoral e estilo missionário, que chegue realmente a todos sem

exceções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário” (EG 35).

A experiência de fé faz transbordar o *anúncio* explícito do Evangelho de Jesus Cristo a todos. Por isso, a Igreja deve assumir, com renovado ardor missionário e criatividade, uma nova evangelização:

- a) **Aos fiéis que frequentam a Igreja:** com a pastoral ordinária que visa ao crescimento na fé e ao consequente compromisso cristão no mundo;
- b) **Às pessoas batizadas** que já não vivem as exigências do batismo;
- c) **Aos que não conhecem Jesus Cristo** ou que o recusam (DGAE 2015-2019, n. 74).

“Cabe a cada comunidade eclesial perguntar **quais são os grupos humanos ou as categorias sociais que merecem atenção especial** e lhes dar prioridade no trabalho de evangelização” (DGAE 2015-2019, n.75). Entretanto, as DGAE 2015-2019 destacam alguns grupos e situações que necessitam de especial atenção dentro desta urgência:

- a) *Juventude:* uma Igreja sem jovens é uma Igreja sem presente e sem futuro (DGAE 2015-2019, n. 76);
- b) *Missões populares:* uma ação que, em suas diversas modalidades (visitas sistemáticas a moradias de estudantes, instituições de saúde, assentamentos, prisões, albergues, entre outros), respondendo ao apelo da *Missão Continental*, tem se mostrado um caminho eficaz de evangelização, por ser o real testemunho de uma “Igreja em saída” (DGAE 2015-2019, n. 77);
- c) *Missão ad gentes:* É o dar de nossa pobreza e a partir da alegria de nossa fé (Documento de Puebla, n. 368), em que “cada Igreja local ou particular é corresponsável pela Igreja inteira e por sua missão de evangelização dos povos. Para permanecer na comunhão eclesial e realizá-la

efetivamente, a Igreja particular deve pôr em comum seus recursos espirituais e materiais, a serviço da difusão do Evangelho” (DGAE 2015-2019, n. 78 / Igreja: comunhão e missão [Doc. 40 / 1988], n. 117);

- d) *Ecumenismo e diálogo inter-religioso*: Um dos passos para uma Igreja em estado permanente de missão passa pela coragem de efetivar o **ecumenismo**, por meio de gestos concretos e não somente com manifestação de bons sentimentos, superando as diferenças e o escândalo da divisão entre os cristãos, “que contradiz abertamente a vontade de Cristo e prejudica a pregação do Evangelho a toda criatura” (UR, n. 1). De igual modo, o **diálogo inter-religioso** deve ser incentivado e fortalecido com os seguidores de religiões não cristãs e com todas as pessoas empenhadas na busca da justiça e na construção da fraternidade universal, a fim de superar manifestações violentas, de intolerância religiosa (DGAE 2015-2019, n. 79-81);
- e) *Partilha e comunhão de recursos financeiros*: é o olhar solidário e responsável para com as realidades mais carentes de recursos econômicos e humanos, assumido de forma concreta, por meio do projeto “Igrejas Irmãs”, em âmbito nacional. Olha-se, de modo especial, a região amazônica que merece especial atenção e renovado empenho missionário (DGAE 2015-2019, n. 82).

2. Igreja: Casa da iniciação à vida cristã

O estado permanente de missão implica uma **efetiva iniciação à vida cristã**. Para isso, é preciso *ajudar as pessoas a conhecer Jesus Cristo*, fascinar-se por ele e optar por segui-lo (DGAE 2015-2019, n. 41-42).

O caminho, porém, para uma efetiva iniciação à vida cristã é o anúncio explícito da Boa-Nova de Cristo, isto é, o **Querigma**: anunciar Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado (Doc. 100, n. 187).

A mudança de época exige que o anúncio de Jesus Cristo não seja mais pressuposto, nem mesmo entre os membros da própria comunidade (Doc. 100, n. 187), mas deve ser explicitado continuamente (DGAE 2015-2019, n. 41).

O objetivo do **primeiro anúncio** é o encontro pessoal com Jesus Cristo, mas também o desencadear de um caminho de formação e de amadurecimento da consciência da vida cristã e do projeto pessoal que Deus tem para a vida de cada pessoa (EG 160). Por isso, já na catequese, o Querigma tem papel fundamental, porém deve ele ocupar também o centro da atividade evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial (EG 164).

A partir disso, recorda-se que a iniciação à vida cristã, como catequese de inspiração catecumenal, não se esgota na preparação aos sacramentos do Batismo, Confirmação e Eucaristia, mas se refere, principalmente, à **adesão a Jesus Cristo**. E essa adesão, que tal processo promove, deve ser feita pela primeira vez, mas refeita, fortalecida e ratificada tantas vezes quantas o cotidiano exigir (DGAE 2015-2019, n. 43).

Esse processo traz consigo importantes consequências para a ação evangelizadora, pois:

- a) Requer uma série de **atitudes**: acolhida, diálogo, partilha, escuta da Palavra de Deus e adesão à vida comunitária;
- b) Implica **estruturas** eclesiais apropriadas, nos mais diversos lugares e ambientes, sempre disponíveis a acolher, apresentar Jesus Cristo e dar as razões da nossa esperança (1Pd 3,15);
- c) Pressupõe, por fim, um **“perfil de catequista/evangelizador**, ponte entre o coração que busca descobrir ou redescobrir Jesus Cristo e Seu seguimento na comunidade de irmãos, em atitudes coerentes e na missão de colaborar na edificação do Reino de Deus” (DGAE 2015-2019, n. 45).

Sendo, a liturgia intimamente unida ao conteúdo do anúncio (*lex orandi, lex credendi*), ela “é o ápice para o qual tende a ação da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde emana toda a sua força”. Por isso, “**nenhuma atividade pastoral pode se realizar sem referência à liturgia**”. Enfim, ela, fonte de verdadeira alegria (At 2,46), tem um papel fundamental na missão evangelizadora da Igreja, na consolidação da comunidade cristã e na formação dos discípulos missionários (DGAE 2015-2019, n. 46).

Quanto à liturgia, o Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, destacou o aspecto da **homilia**, ressaltando que ela “é o ponto de comparação para avaliar a proximidade e a capacidade de encontro de um Pastor com o seu povo. De fato, sabemos que os fiéis lhe dão muita importância; e, muitas vezes, tanto eles como os próprios ministros ordenados sofrem: uns a ouvir e os outros a pregar. É triste que assim seja. A homilia pode ser, realmente, uma experiência intensa e feliz do Espírito, um consolador encontro com a Palavra, uma fonte constante de renovação e crescimento” (EG 135). Para superar tal desafio, diz o Papa, “como é bom que sacerdotes, diáconos e leigos se reúnam periodicamente para encontrarem, **juntos**, os recursos que tornem mais atraente a pregação!” (EG 159).

É necessário desenvolver, em nossas comunidades, um **processo de iniciação à vida cristã**, que conduza ao “encontro pessoal com Jesus Cristo” (DGAE 2015-2019, n. 83). Para tanto, a catequese com inspiração catecumenal implica uma estreita relação com a **bíblia**, lugar privilegiado de encontro com Cristo (DGAE 2015-2019, n. 85), e a **liturgia**, lugar da experiência e vivência do Mistério (DGAE 2015-2019, n. 86-87). Essa relação favorece um processo mistagógico⁵, condição fundamental para a iniciação cristã de crianças, bem como de adolescentes, jovens e

⁵ Mistagogia refere-se ao tempo de aprofundamento do mistério cristão. No processo de iniciação à vida cristã, este aprofundamento ocorre no período pascal quando aqueles que receberam os sacramentos na vigília pascal irão aprofundar o sentido dos sacramentos recebidos.

adultos que não foram suficientemente orientados na fé e nas obras inspiradas pela fé (DGAE 2015-2019, n. 84).

Deve-se também, valorizar e estimular a **piedade popular**, pois estas expressões têm muito que nos ensinar e, para quem as sabe ler, são um *lugar teológico* a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização (DGAE 2015-2019, n. 88).

O processo de iniciação à vida cristã requer grande *atenção às pessoas*, com **atendimento personalizado** (DGAE 2015-2019, n. 89).

A formação dos discípulos missionários precisa articular fé e vida e integrar **cinco aspectos fundamentais**: 1. O encontro com Jesus Cristo; 2. A conversão; 3. O discipulado; 4. A comunhão; 5. A missão. (DGAE 2015-2019, n. 91).

A partir disso, compreende-se que a **formação dos leigos e leigas** precisa ser uma das prioridades da Igreja Particular, sendo “um direito e dever para todos”. Pode tornar-se mais efetiva e frutuosa quando integrada em um projeto orgânico de formação (básica e especializada) que os capacite a serem “testemunho de Cristo e dos valores do Reino” não só na Igreja, mas na sociedade (DGAE 2015-2019, n. 92).

3. Igreja: Lugar de animação bíblica da vida e da pastoral

Iniciação à vida cristã e **Palavra de Deus** estão intimamente ligadas. Uma não pode acontecer sem a outra (DGAE 2015-2019, n. 47).

O discípulo missionário é convidado a redescobrir o **contato pessoal e comunitário** com a Palavra de Deus como lugar privilegiado de encontro com Jesus Cristo (DGAE 2015-2019, n. 49). Para tanto, deve **acolher e viver a Palavra de Deus em comunhão com a Igreja**. Ao escutar atentamente a Palavra, sabe que não o faz isoladamente, mas na comunhão com esta mesma Palavra e com todos que também a acolhem, como dom na Igreja

e com toda a Igreja. Assim, a Palavra é saboreada, sobretudo, na eclesialidade (DGAE 2015-2019, n. 52).

Contudo, o atual excesso de informações **exige formação adequada** que auxilie na síntese, no discernimento e nas escolhas. O desafio para todos os que aceitam Jesus como caminho é *escutar a voz de Cristo* em meio a tantas outras vozes (DGAE 2015-2019, n. 50). Nas palavras do Papa Francisco: “É indispensável que a Palavra de **Deus se torne cada vez mais o coração de toda a atividade eclesial**” (EG 174).

“A Igreja, casa da Palavra, **valoriza a liturgia** como âmbito privilegiado onde Deus fala à comunidade. Nela Deus fala e o povo escuta e responde. Cada ação litúrgica está, por sua natureza, impregnada da Escritura Sagrada” (DGAE 2015-2019, n. 94). “Especial atenção merece **a homilia** que atualiza a mensagem da Bíblia de tal modo que os fiéis sejam levados a descobrir a presença e a eficácia da Palavra de Deus, no momento atual de sua vida” (DGAE 2015-2019, n. 95).

Para incrementar a animação bíblica da vida e da pastoral, há que se buscar incentivar e promover atividades que **reúnam grupos de famílias, círculos bíblicos e pequenas comunidades** em torno à meditação e vivência da Palavra, em estreita relação com seu contexto social, e os cursos e escolas bíblicos, voltados, sobretudo, para leigos e leigas (DGAE 2015-2019, n. 96).

Sabe-se, porém, que não basta possuir a Bíblia, pois “o encontro com a Palavra viva exige a experiência de fé. Para isso, o católico precisa ser devidamente capacitado tanto no conteúdo bíblico quanto na pedagogia para iniciar e manter contato permanente com a Escritura”. Merece destaque a **leitura orante**, que favorece o encontro pessoal com Jesus Cristo, o Verbo de Deus. Seja, portanto, incentivada e reforçada, conforme as orientações da Igreja (DGAE 2015-2019, n. 97-98).

Considerando os valores que a Bíblia trouxe à humanidade, faz-se necessário favorecer seu conhecimento entre todas as pessoas, mesmo em ambientes secularizados, fazendo uso dos

meios artísticos (artes figurativas, arquitetura, literatura e música), bem como do espaço “**dos novos meios de comunicação social**, especialmente a internet, com inúmeras redes sociais, que constituem um novo fórum onde fazer ressoar o Evangelho”, cuidando para que o mundo virtual jamais substitua o mundo real, pois “o encontro pessoal permanece insubstituível” (DGAE 2015-2019, n. 99-100).

“Investir na animação bíblica da vida e da pastoral, em agentes e em equipes, leva à instituição e à **formação continuada** dos ministros e ministras da Palavra” (DGAE 2015-2019, n. 101).

4. Igreja: Comunidade de comunidades

O discípulo missionário de Jesus Cristo, necessariamente, *vive sua fé em comunidade* (1Pd 2,9-10) e, **sem vida em comunidade, não há como, efetivamente, viver a proposta cristã**. “Comunidade *implica* convívio, vínculos profundos, afetividade, interesses comuns, estabilidade e solidariedade nos sonhos, nas alegrias e nas dores. A comunidade eclesial acolhe, forma e transforma, envia em missão, restaura, celebra, adverte e sustenta. Ao mesmo tempo em que hoje se constata uma forte tendência ao individualismo, percebe-se igualmente a busca por vida comunitária” (DGAE 2015-2019, n. 55).

A Igreja, enquanto comunidade, deve ser o lugar da **misericórdia gratuita**, na qual todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho (EG 114).

As *paróquias* têm importante papel na vivência da fé, pois, **para a maioria das pessoas, a relação com a Igreja ocorre por meio das paróquias** (DGAE 2015-2019, n. 56). Da mesma forma, a paróquia é, para a Igreja, o modo pela qual ela participa do **cotidiano das pessoas**, das relações sociais, e concretiza a experiência do discipulado missionário (Doc 100, n. 153).

Assim, “as paróquias são células vivas da Igreja e o **lugar privilegiado** no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência

concreta de Cristo e a comunhão eclesial. Por isso, são chamadas a ser **casa e escolas de comunhão**” (DAp, n. 170).

Em vista da *conversão pastoral* que a missão hoje exige, “a comunidade paroquial não pode ser uma superestrutura formal e vazia, mas deve ser um **todo orgânico que envolva os diversos aspectos da vida**” (Doc. 100, n. 139), tornando-se cada vez mais comunidades vivas e dinâmicas, capazes de propiciar a seus membros uma real experiência “de discípulos e missionários de Jesus Cristo, em comunhão”. Assim, haverão de se tornar mais próximas das pessoas, sendo âmbitos de viva comunhão, participação e missão (DGAE 2015-2019, n. 56).

Uma Igreja sólida como instituição, mas vazia de vida comunitária real, como casa ou família, não estaria de acordo com a inspiração do Novo Testamento (Doc. 100, n. 139): “Eles eram perseverantes em ouvir o ensinamento dos apóstolos, na comunhão fraterna, na fração do pão e nas orações” (At 2,42). Toda paróquia é comunidade cristã baseada nessas quatro colunas básicas. Só assim será missionária e atrairá outros para o seguimento de Jesus Cristo (Doc. 100, n. 165). Vale lembrar que a paróquia, porém, não pode ser concebida como **independente**, mas somente em relação à Igreja particular na qual se encontra (Doc. 100, n. 160).

“A Paróquia entendida como comunidade, é o local onde se ouve a convocação feita por Deus, em Cristo, para que todos sejam um e vivam como irmãos. **É a Igreja que está onde as pessoas se encontram, independente dos vínculos de território, de moradia ou de pertença geográfica.** É a casa-comunidade onde as pessoas se encontram. O chamado é para todos. É vocação para todos formarem a grande família de Deus, a família dos que “ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 8,21) (Doc. 100, n. 171).

O Papa Francisco, na Exortação *Evangelii Gaudium*, afirma que “a paróquia não é uma estrutura caduca; precisamente porque possui uma grande **plasticidade**, podendo assumir formas

muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade. [...] A paróquia não é uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos. A paróquia é **presença eclesial no território**, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração. Por meio de todas as suas atividades, a paróquia incentiva e forma os seus membros para serem agentes da evangelização. **É comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar, e centro de constante envio missionário.** Temos, porém, de reconhecer que o apelo à revisão e renovação das paróquias ainda não produziu suficientemente frutos, tornando-se ainda mais próximas das pessoas, sendo **âmbitos de viva comunhão e participação e orientando-se completamente para a missão**” (EG 28).

Ao se falar da Paróquia, Comunidade de comunidades, têm-se em vista a belíssima experiência que as *comunidades eclesiais de base* (CEBs) favoreceram a vida e o dinamismo da Igreja, pois **“demonstram seu compromisso evangelizador e missionário entre os mais simples e afastados, e são expressão visível da opção preferencial pelos pobres. São fonte e semente de variados serviços e ministérios a favor da vida na sociedade e na Igreja”** (DAp, n. 179).

A Igreja, porém, reconhece que, “como resposta às exigências da evangelização, junto com as comunidades eclesiais de base, existem outras formas válidas de pequenas comunidades” (DAp, n. 180), **comunidades transterritoriais**, ambientais e afetivas (DGAE 2015-2019, n. 58) que, vivendo segundo o seu carisma, assumem a missão evangelizadora de acordo com a realidade local e se articulam de modo a testemunhar a comunhão na pluralidade” (DGAE 2015-2019, n. 57).

Dentre os desafios da vida de comunidade, dois se destacam. “O primeiro diz respeito aos ambientes marcados por

aguda **urbanização**, para os quais a vizinhança geográfica não significa necessariamente convívio, afinidade e solidariedade. O segundo se refere aos **ambientes virtuais**, onde a rapidez da comunicação e a superação das distâncias geográficas tornam-se grandes atrativos, especialmente aos jovens. É necessária a consciência de que, na ação evangelizadora, estes desafios devem ser seriamente considerados e que nada substitui o contato pessoal” (DGAE 2015-2019, n. 59).

Importa muito investir na **descentralização das paróquias**, seja iniciando experiências significativas, seja reconhecendo, no dia a dia das comunidades, o que já existe, atentos ao que afirma o *Documento de Aparecida*: “Ninguém pode se isentar de dar estes passos” (DGAE 2015-2019, n. 102).

Entre as formas de renovação da paróquia está a urgência de sua *setorização* em pequenas comunidades, pois **as comunidades eclesiais de base, as CEBs**, alimentadas pela Palavra, pela fraternidade, pela oração e pela Eucaristia, são sinal de vitalidade da Igreja, valorizando os vínculos humanos e sociais, fazendo a Igreja presente nas diversas realidades, indo ao encontro dos afastados, promovendo novas lideranças a partir de uma iniciação à vida cristã que ocorre frutuosamente no ambiente em que as pessoas vivem (DGAE 2015-2019, n. 103-104).

As diversas formas válidas de pequenas comunidades [...] são convocadas a se comprometerem com a paróquia local, a assumirem os planos pastorais de cada Igreja Particular, e, com elas, se unirem em torno das *Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* (DGAE 2015-2019, n. 104).

Promover:

- a) **A diversidade ministerial**, na qual todos, trabalhando em comunhão, manifestam a única Igreja de Cristo, sejam eles leigos, leigas, ministros ordenados, consagrados e consagradas. Urge aos pastores “abrir espaços de participação aos leigos e a confiar-lhes ministérios e responsabilidades, para que todos na Igreja vivam de

maneira responsável seu compromisso cristão” [...] Não perder de vista, igualmente, que a missão fundamental de leigos e leigas é a presença e o testemunho na sociedade, especialmente nos ambientes de trabalho e em associações laicais;

- b) **A união dos presbíteros**, diáconos, consagrados e leigos, sob a orientação do bispo diocesano, em torno das grandes metas evangelizadoras e dos *projetos pastorais* que as concretizam;
- c) **O carisma da vida consagrada**, em suas dimensões apostólica e contemplativa, presente em fronteiras missionárias;
- d) A formação e a atuação de **assembleias, conselhos e comissões**, tanto em âmbito pastoral como em âmbito econômico-administrativo;
- e) A articulação das ações evangelizadoras, através da **pastoral orgânica e de conjunto**, para evitar o contratestemunho da divisão e a competição entre grupos [...] Instrumento privilegiado de uma pastoral orgânica e de conjunto é o **planejamento**, com a participação de todos os membros da comunidade eclesial na projeção da ação evangelizadora, tanto no processo de discernimento, como na tomada de decisão e avaliação (DGAE 2015-2019, n. 107).

“A efetivação de uma Igreja comunidade de comunidades, com espírito missionário, manifesta-se também na bela experiência das **paróquias-irmãs**, dentro e fora da diocese. A exemplo das primeiras comunidades é importante estimular a experiência da partilha, principalmente através do **dízimo**. A constituição de um **fundo diocesano de comunhão e partilha**, expressão da comunhão eclesial da Igreja particular e da solidariedade entre suas comunidades, garante que a nenhuma comunidade falte o necessário” (DGAE 2015-2019, n. 108).

5. Igreja a serviço da vida plena para todos

A vida é dom de Deus. “O *Evangelho da vida* está no centro da mensagem de Jesus”. É missão dos discípulos o **serviço à vida plena** (DGAE 2015-2019, n. 62).

“Ao lermos as Escrituras, fica bem claro que a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus. E a nossa resposta de amor também não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos pessoais a favor de alguns indivíduos necessitados, o que poderia constituir uma “caridade por receita”, uma série de ações destinadas apenas a tranquilizar a própria consciência” (EG 180).

O Querigma possui um conteúdo inevitavelmente social: no próprio coração do Evangelho, aparece a vida comunitária e o compromisso com os outros. O conteúdo do primeiro anúncio tem uma repercussão moral imediata, cujo centro é a caridade (EG 177). Na medida em que nenhuma vida existe apenas para si, mas para os outros e para Deus, este é tempo mais do que propício para a articulação e a integração de todas as formas de paixão pela vida. Só assim conseguiremos, de fato, **vencer a cultura de morte** (DGAE 2015-2019, n. 63).

Contemplando os diversos **rostos de sofredores**, especialmente os “resíduos e sobras”, o discípulo missionário enxerga, em cada um, o rosto de seu Senhor: chagado, destrozado, flagelado (Is 52,13ss). O discípulo missionário **não se cala diante da vida impedida de nascer**, seja por decisão individual, seja pela legalização e despenalização do aborto. Não se cala igualmente diante **da vida sem alimentação, casa, terra, trabalho, educação, saúde, lazer, liberdade, esperança e fé** (DGAE 2015-2019, n. 65).

“Para a Igreja, **a caridade não é** uma espécie de atividade de assistência social que poderia mesmo deixar para outros, mas pertence à sua natureza, **é expressão irrenunciável de sua própria essência**”. Daí “ratificar e potencializar a *opção preferencial pelos pobres*”, “implícita à fé cristológica naquele Deus que se fez pobre

por nós, para nos enriquecer com sua pobreza” e que deverá **“atravessar todas as suas estruturas e prioridades pastorais” manifestando-se “em opções e gestos concretos”**. Devemos evitar “a tentação de ser cristãos, mantendo uma prudente distância das chagas do Senhor. Mas Jesus quer que toquemos a miséria humana, que toquemos a carne sofredora dos outros. Espera que renunciemos a procurar aqueles abrigos pessoais ou comunitários que permitem manter-nos à distância do nó do drama humano, a fim de aceitarmos verdadeiramente entrar em contato com a vida concreta dos outros e conhecermos a força da ternura” (DGAE 2015-2019, n. 66).

Assim, segue o apelo do Papa Francisco: “Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma **multidão faminta** e Jesus repete-nos sem cessar: **“Dai-lhes vós mesmos de comer”** (Mc 6,37)” (EG 49).

Os pobres e excluídos **são sujeitos da evangelização** e da promoção humana integral. Eles estão no centro da vida da Igreja (DGAE 2015-2019, n. 67), e “cada cristão e cada comunidade são chamados a ser **instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres**, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estarem docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo” (EG 187).

A Igreja reconhece a importância da **atuação no mundo da política** e incentiva os leigos e leigas, especialmente os jovens, à participação ativa e efetiva nos diversos setores voltados para a construção de um mundo mais justo, fraterno e solidário... Tão desacreditada em nossos dias, a política, no entanto, “é uma sublime vocação, é uma das formas mais preciosas da caridade, porque busca o bem comum” (DGAE 2015-2019, n. 68).

Jesus anuncia o Reino para todos. Não exclui ninguém. Oferece um lugar aos que não tinham lugar na convivência

humana. Recebe como irmão e irmã os que a religião e a sociedade desprezavam e excluía: prostitutas e pecadores (cf. Mt 21,31-32); pagãos e samaritanos (cf. Lc 7,2- 10); leprosos e possessos (cf. Mt 8,2- 4); mulheres, crianças e doentes (cf. Mc 1,32); publicanos e soldados (cf. Lc 18,9- 14); e muitos pobres (cf. Mt 5,3) (Doc. 100, n. 70).

“Dado que esta Exortação se dirige aos membros da Igreja Católica, desejo afirmar, com mágoa, que a pior discriminação que sofrem os pobres é a **falta de cuidado espiritual**. A imensa maioria dos pobres possui uma especial abertura à fé; tem necessidade de Deus e não podemos deixar de lhe oferecer a sua amizade, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos Sacramentos e a proposta de um caminho de crescimento e amadurecimento na fé. A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária” (EG 200).

A Igreja, através de uma **pastoral social estruturada, orgânica e integral**, tem a vocação e missão de promover, cuidar e defender a vida em todas as suas expressões (DGAE 2015-2019, n. 109).

O serviço à vida começa pelo **respeito à dignidade da pessoa humana, por meio de iniciativas como**: a) defender e promover a dignidade da vida humana em todas as etapas da existência, desde a fecundação até a morte natural; b) tratar o ser humano como fim e não como meio, respeitando-o em tudo que lhe é próprio: corpo, espírito e liberdade; c) tratar todo ser humano sem preconceito nem discriminação, acolhendo, perdoadando, recuperando a vida e a liberdade de cada pessoa, tendo presentes as condições materiais e o contexto histórico, social, cultural em que cada pessoa vive (DGAE 2015-2019, n. 110).

Um olhar especial **merece a família**. Tamanha é sua importância que precisa ser considerada “um dos eixos transversais de toda a ação evangelizadora” (DGAE 2015-2019, n. 111).

Crianças, adolescentes e jovens precisam de maior atenção por parte de nossas comunidades eclesiais, pois são os mais expostos ao abandono, às drogas, à violência, à venda de armas, ao abuso sexual, ao tráfico humano, às várias formas de exploração do trabalho, bem como à falta de oportunidades e perspectivas de futuro. Em vista disso, é importante promover e apoiar a pastoral da sobriedade, a pastoral juvenil, a pastoral do menor, a pastoral da criança. Também as **pessoas idosas**, expostas ao risco da exclusão, precisam ser valorizadas em sua experiência e sabedoria, reconhecidas em sua dignidade e protegidas em seus direitos (DGAE 2015-2019, n. 113).

Por meio das diversas pastorais e movimentos ligados ao mundo do trabalho, urge **lutar contra o desemprego e o subemprego**, a precarização do trabalho e perda de direitos, criando ou apoiando alternativas de geração de renda, assim como a economia solidária, a agricultura familiar, a agroecologia, a reforma agrária, o consumo solidário, a segurança alimentar, as redes de trocas, o acesso ao crédito popular, o trabalho coletivo, a busca do desenvolvimento local sustentável e solidário (DGAE 2015-2019, n. 114).

Atenção especial merecem os **migrantes**:

- a) os migrantes brasileiros no exterior;
- b) os migrantes sazonais, que constituem mão de obra barata e superexplorada pelo agronegócio em variadas formas;
- c) as vítimas do tráfico de pessoas seduzidas por propostas de trabalho que levam à exploração também sexual;
- d) os trabalhadores explorados pelos métodos de terceirização, vítimas de atravessadores de mão de obra;
- e) os novos migrantes estrangeiros em busca de sobrevivência em nossa pátria, muitos se encontrando em situação de não cidadania e discriminação (DGAE 2015-2019, n. 115).

No âmbito da **cultura**, cabe promover uma *sociedade que respeite as diferenças*, combatendo o preconceito e a

discriminação nas mais diversas esferas, efetivando a convivência pacífica das várias etnias, culturas e expressões religiosas, o respeito às legítimas diferenças. Torna-se urgente trabalhar pela criação e aplicação de mecanismos legais para o combate a qualquer forma de discriminação, mas sempre vigilantes para evitar a afirmação exasperada de direitos individuais e subjetivos, bem como a ideologia do multiculturalismo relativista (DGAE 2015-2019, n. 116).

Tarefa de grande importância é a *formação de pensadores e pessoas que estejam em níveis de decisão*, evangelizando, com especial atenção e empenho, os **“novos areópagos”**:

a) um dos primeiros areópagos é o mundo *universitário*.

b) outro urgente areópago é o mundo da *comunicação*.

c) um terceiro areópago liga-se à presença pastoral junto aos *empresários, aos políticos, aos formadores de opinião* no mundo do trabalho, *dirigentes sindicais e líderes comunitários* (DGAE 2015-2019, n. 118).

O desafio de aproximar a **fé e a razão**, através do diálogo atento, atualizado e corajoso com as pessoas de hoje (DGAE 2015-2019, n. 120).

ANEXO 2

Síntese das Assembleias Paroquiais sobre o 23º Plano da Ação Evangelizadora da Arquidiocese de Maringá

OBSERVAÇÕES IMPORTANTES:

1) Atualmente, na Arquidiocese de Maringá, temos 56 Paróquias. Em muitas questões, o número de respostas não bate com o número de Paróquias. Isto porque algumas paróquias não responderam algumas questões ou a síntese enviada pela Região Pastoral não especificou, por Paróquia, o que foi pedido.

2) O número entre parênteses significa a quantidade de vezes que a resposta apareceu.

1ª PRIORIDADE – ORGANIZAÇÃO DAS PARÓQUIAS EM REDES DE CEBS E OUTRAS PEQUENAS COMUNIDADES

a) Sua Paróquia está organizada em CEBS (Comunidades Eclesiais de Base)?

(X) Sim – 51 paróquias

Quantas são?

TOTAL: 393 Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)*

(X) Não – 4 paróquias

* Sete paróquias não informaram a quantidade de CEBS.

b) Tem alguma outra forma de pequena comunidade em sua Paróquia?

(X) Sim – 5 paróquias

Qual?

- Neo-catecumenato (3);
- Congregações religiosas;
- Setores geográficos, mas sem estrutura de CEB;
- Comunidades virtuais.

(X) Não para as demais

c) Que frutos tem dado esta organização?

- Acolhimento aos afastados, despertando a fé (4);
- Descentralização da Matriz, conhecendo melhor a realidade paroquial (8);
- Maior proximidade, integração e amizade entre as pessoas, famílias e vizinhos (13);
- Saída do comodismo, gerando compromisso (2) e, maior consciência missionária, despertando novas lideranças (8);
- As CEBs tornaram-se um novo jeito de ser igreja, é a base, o reflexo do que acontece nas paróquias;
- Nas CEBs são realizadas várias atividades: grupos de reflexão; celebrações da Palavra; catequese (capelas e comunidades rurais); visitas missionárias; visitas aos doentes e às famílias pelos Ministros e padres; Missas; novenas; encontros da Campanha da Fraternidade;
- Maior participação do povo, inclusive nas pastorais (5);
- Maior proximidade com a Eucaristia e a Palavra de Deus, fortalecendo a fé (5), gerando maior participação em Missas e celebrações da Palavra nas casas e Capelas;
- Aumento no dízimo e arrecadações;
- Maior comprometimento com a evangelização, inclusive com as construções;

- Melhor comunicação e crescimento dos grupos de reflexão;
- Implantação da catequese nas CEBs, com aumento do número de catequistas e catequizandos;
- Melhor atendimento aos doentes;
- Partilha de bens entre comunidades;
- Padre mais próximo das famílias;
- Maior envolvimento de pessoas na Paróquia e na Região Pastoral;
- Maior participação nas novenas de Natal e da Quaresma (2);
- Maior unidade entre as comunidades, tanto nas atividades quanto no pensar a evangelização;
- União na organização das atividades;
- Surgimento de vocações leigas e religiosas;
- Organização de novas pastorais;
- Participação e envolvimento na liturgia;
- Discussão da realidade social, política e religiosa;
- Mais solidariedade e partilha entre as pessoas (4);
- Integração e reflexão sobre os temas da vida dando uma nova visão;
- A organização das pastorais e movimentos na CEB ajudando na organização paroquial (2);
- Mantém viva as estruturas da Igreja;
- Elo de comunicação com a paróquia.

d) Quais as maiores dificuldades encontradas para organizar ou manter esta estrutura?

- Falta de compromisso e o comodismo do povo e de algumas lideranças, com dificuldade em participar das atividades das CEBs e de assumir os trabalhos (17);
- Dificuldade para organizar ou manter esta estrutura: as CEBs caminham enfrentando uma realidade individualista,

consumista, as pessoas vivem em busca de algo somente espiritual e financeiro (3);

- As comunidades são grandes, com 100, 200, e até mais famílias, dificultando chegar a todos os convites para as atividades e uma maior proximidade entre as pessoas;
- Falta de espiritualidade e encontro pessoal com Cristo;
- A maioria trabalha em turnos matutino, vespertino e noturno, e isso é um fator que dificulta a participação das pessoas nas atividades na comunidade;
- Falta de pessoas para assumir trabalhos e participarem das atividades da CEB, inclusive por medo (13);
- Falta de compromisso dos membros, deixando tudo sob a responsabilidade do coordenador (3);
- Falta de envolvimento dos jovens (5);
- Algumas pessoas (lideranças) não aceitam a proposta de organizar a paróquia em CEBs (3);
- CEB resumida a Grupo de Reflexão, Missa e celebração da Palavra;
- Falta de formação sobre o que é e como funciona uma CEB (2);
- Falta de integração das pastorais e movimentos nos trabalhos nas CEBs (2);
- Acúmulo de compromissos eclesiais e conflitos de calendário (3);
- Percebe-se um certo desânimo das lideranças e falta de perseverança de quem assume;
- Dificuldade para acolher novas pessoas;
- Falta de apoio da própria paróquia (CPP) e do padre;
- Falta de articulação dos próprios membros da paróquia;
- Falta de consciência de pertença a uma comunidade;
- Dificuldade em criar novas comunidades (as pessoas não aceitam “dividir”);
- Mudança de padres (4);

- A dificuldade financeira da Paróquia compromete o funcionamento das CEBs;
- Pessoas idosas à frente, com dificuldade até de locomoção;
- Fechamento (apego a grupos fechados);
- Ausência de reuniões periódicas na CEB (desarticulação);
- Comunidades muito distantes da Matriz ficam isoladas (2);
- Falta de espaço próprio (capelas) e casas em condições de acolher reuniões maiores;
- Bairros sem infraestrutura (asfalto);
- A violência nos bairros, causando receio para sair à noite.

1º PROJETO

Fortalecimento dos Grupos de Reflexão através da implantação de um processo de formação de discípulos missionários de Jesus Cristo, que contempla a Iniciação Cristã de Adultos e a leitura orante da Bíblia

a) Quantos grupos de reflexão existem em sua Paróquia?

TOTAL: 1.111 Grupos de Reflexão na Arquidiocese*

*17 paróquias não informaram o número de grupos de reflexão.

b) Com que frequência os grupos de reflexão da Paróquia se reúnem?

(X) Semanal – Todos se reúnem semanalmente*

(X) Outra

Qual?

- 1 grupo se reúne somente em época de Novena de Natal e Quaresma

* Uma paróquia não respondeu.

c) Foram formados novos grupos seguindo o processo de Iniciação à Vida Cristã?

(X) Sim – 23 grupos em diversas paróquias*

(X) Não – 11 paróquias

*18 paróquias não responderam.

d) Qual avaliação fazemos do processo de Iniciação à Vida Cristã feita pelos grupos da Paróquia?

POSITIVO:

- Ajudou a animar os grupos e reanimar a fé do povo, com conteúdo, orientações, formações e novos conhecimentos (9);
- Ajudou a participar melhor na missa;
- Maior entendimento e valorização dos sacramentos (2);
- Dinamizou as reuniões, com novos temas e dinâmicas;
- Contribuiu para formação de novas lideranças para outras pastorais e serviços (4).

NEGATIVO:

- Apesar de concluir todo o processo, não houve avanço no aparecimento de novas lideranças e novos missionários;
- O fato de não poder entrar gente nova em grupos antigos afastou muita gente;
- Dificuldade de assimilar a metodologia do material (4);
- Faltou perseverança na caminhada do grupo;
- Desistência no meio do processo, após receber o sacramento;
- Não houve continuidade no processo, sendo substituído por novenas.

e) Qual avaliação fazemos da Leitura Orante da Palavra de Deus nos grupos de Reflexão?

POSITIVO:

- Maior intimidade com a palavra de Deus, que ajudou a rezar, entender, interiorizar, partilhar e fortalecer a fé (9);
- Ajudou as pessoas a conhecerem esse método de Oração (5);
- As pessoas participaram mais e melhor, usando a leitura orante, inclusive nas missas (2);
- As mensagens dos CD's ajudaram nas reflexões (3);
- Ajudou as pessoas a se aproximarem de Deus e a se inserir na vida da Paróquia;
- Conteúdo muito rico, ajudando na formação (5);
- Permitiu sentir como Deus fala de diversos modos, pois cada um compreende, à medida de sua própria vida;
- Provocou interação maior no grupo.

NEGATIVO

- Dificuldades de algumas pessoas, principalmente os idosos, de fazer a Leitura Orante na prática (2);
- Dificuldades de alguns coordenadores em compreender o método;
- Falta de costume de rezar com a Bíblia;
- O tema desmotivou alguns participantes por ser repetitivo.

f) Há alguma experiência missionária realizada pelos grupos de reflexão em sua Paróquia?

(X) Nenhuma – 19 paróquias

- O grupo procurou fazer o encontro em casas de pessoas que não participam (6);
- Celebração da Palavra e visitas em outra CEB (4);
- Solidariedade missionária – ajuda aos necessitados e aos apelos missionários (2);
- Participação de atividades promovidas pelo COMIPA;

- Visita aos idosos, novos vizinhos, doentes, enlutados, despedidas dos que mudam, hospitais, asilos, presídio.... (5);
- Almoço e café nos hospitais HU e HC;
- Terço no mês de maio nas famílias que não participam de grupos;
- Colaboração com a Missão Jovem.

g) Como você avalia o subsídio Ninguém Cresce Sozinho? Apresente alguns pontos positivos e o que pode ser melhorado.

POSITIVO:

- Muito bom, ótimo, excelente (12);
- O fato da Vida e as dinâmicas (7);
- CD's com reflexões (5);
- Linguagem fácil, disposição clara do assunto, fácil compreensão, ajudando as discussões (6);
- Desafia para uma vivência entre fé e vida;
- Profundamente formativo (2);
- Abrange os temas da sociedade atual, principalmente da nossa, pois é feito aqui na nossa Arquidiocese;
- Estudo dos documentos da Igreja (4);
- Conhecimento da Bíblia (4);
- Enriquece a oração (2).

A SER MELHORADO:

- Nenhum;
- Leituras trocadas;
- Erro de grafia, português e digitação, por exemplo: tamanho da fonte, parágrafos, espaço entre as linhas (5);
- Material com reuniões muito longas (5);
- Colocar cânticos mais conhecidos (4);
- O material precisa chegar mais cedo;

- Faltam testemunhos;
- Acrescentar mais material em áudio, pois o povo põe mais atenção;
- Ter encontros opcionais, para o caso de algum grupo não acompanhar os outros;
- Ter mais dinâmicas nos encontros;
- Ter uma linguagem mais simples e clara (6);
- Ter biografia dos santos do mês.

h) Tem havido reunião para a entrega e explicação do subsídio em sua Paróquia?

(X) Sim – 23 paróquias

(X) Não – 22 paróquias

*** Em uma paróquia, o padre mesmo produz o material.

2º PROJETO

Criar o COMIPA (Conselho Missionário Paroquial) a partir dos membros escolhidos pelas CEBs e Movimentos

a) Foi criado o COMIPA em sua Paróquia?

(X) Sim – 15 paróquias

Quais frutos foram produzidos com a criação?

- Terço missionário nas casas (3);
- Animação do mês missionário;
- Abertura de uma nova comunidade;
- Pode-se observar maior contato com as famílias, com pessoas excluídas da sociedade, bem como o acolhimento de casais em nova união;
- Terço dos homens;
- Cofrinho da solidariedade na catequese;

- Maior conscientização sobre a dimensão missionária da Igreja (2);
- Visita dos Arautos do Evangelho;
- Maior motivação das pessoas;
- Visita nas CEBs para divulgação do mês missionário;
- Distribuição do material da campanha para Evangelização;
- Organização e distribuição do material para a campanha “Missão, Palavra e Pão” (Bafatá);
- Visita às famílias;
- Ajuda aos migrantes;
- 10% do dízimo para as Missões;
- Arrastão missionário;
- Novena Missionária;
- Adoração ao Santíssimo pelos continentes e missionários;
- Visita missionária às CEBs, com o auxílio de pessoas de outras paróquias;
- Maior participação na doação do Dia Mundial das Missões.

(X) Não – 39 paróquias

Porque não foi criado o COMIPA?

- Por falta de interesse, não há pessoas disponíveis para assumirem o trabalho (16);
- Falta de conhecimento do trabalho do COMIPA (2);
- Foram feitas algumas reuniões, mas não foi dado continuidade (2);
- Entendemos que cada pastoral deve fazer o trabalho missionário (2);
- Falta reunião de integração para organizar o trabalho;
- Em meio a tantos projetos, não foi definido como prioridade na paróquia (2);
- Falta de incentivo do padre e do CPP (6);
- Faltou articulação (6).

3º PROJETO

Criar a Escola de Formação Bíblico-Teológica por módulos em cada paróquia

a) Há Escola de Formação Bíblico-Teológica em sua Paróquia?

(X) Sim – 43 paróquias*

(X) Não – 5 paróquias

*** Sete paróquias não responderam.**

Por que não foi criada a escola?

- Não houve interesse, pois a comunidade tem dificuldade em participar das formações;
- Não tem lugar disponível para as aulas;
- Dependendo do tema, é possível organizar;
- Muitas pessoas gostariam de fazer para ter mais conhecimento, mas não houve articulação;
- É melhor fazer a escola no CEPA, pois é perto e mais fácil.

b) Quantos alunos, em média, participam das aulas?

TOTAL: 1.327 alunos na Arquidiocese*

*** 12 paróquias não responderam a quantidade de alunos, mas tem a escola.**

c) Que avaliação sua Paróquia faz da Escola de Formação Bíblico-Teológica, quanto a:

1. Tempo de duração de cada módulo (20h):

- Suficiente, bom (20);
- Não atinge o objetivo, o tempo é pouco por módulo;
- Alguns módulos precisam de mais tempo (16).

2. Professor(a)

- Bons, ótimos, com bom conhecimento (25);
- Alguns deixaram a desejar, contribuindo para a desistência de alguns alunos (4);
- Alguns divagam muito, fogem do assunto e não dão o conteúdo programado (3);
- Alguns se mostraram displicentes (deram só uma hora de aula por dia);
- Muito tempo dedicado às considerações não pertinentes ao módulo, perdendo-se, assim, o conteúdo proposto.

3. Metodologia

- Muito Boa (12);
- Alguns adotaram métodos que ajudaram o aprendizado, com vídeos, imagens (3);
- Cada professor tem uma diferente (3);
- Alguns se prenderam a somente ler o material indicado (6);
- Poderia ter mais dinâmicas (3).

4. Conteúdo

- Excelente (8);
- Bom, mas precisa ser aprofundado (5);
- Nem todos os professores seguem o material proposto;
- Linguagem muito difícil (3).

5. Horário

- Bom, ótimo (18);
- Correspondeu à disponibilidade dos participantes;
- Tem professor que termina muito antes do horário.

6. Participação

- Ótima (10);
- Houve uma desmotivação em um módulo e por isso diminuíram as matrículas (2);

- Quando o professor deixa tempo para os alunos discutirem o assunto, a participação é melhor (3);
- Restrita só às aulas; não há interesse em aprofundar;
- Houve uma boa participação de lideranças (2).

7. Outras considerações

- Mais professores leigos;
- Mais divulgação, estímulo e convite da comunidade à participação no curso (3);
- Os certificados expedidos pela PUC foram somente no primeiro e segundo módulos;
- Aumento da carga horária;
- Fazer chamada e avaliação com nota;
- Ótimo projeto: deve continuar;
- Que os professores se reúnam para discutir os temas e metodologia.

4º PROJETO

Implantar o modelo da Iniciação à Vida Cristã na Catequese com crianças e adolescentes

a) A catequese com crianças e adolescentes implantou o modelo de Iniciação à Vida Cristã proposto pela Arquidiocese?

(X) Sim – 51 paróquias

(X) Não – 4 paróquias

b) O que esse modelo trouxe de positivo?

- Celebração do Rito de passagem e entrega dos símbolos, em que os pais se envolvem (6);
- Acompanha o tempo litúrgico (12);
- Tira a visão de catequese sacramental (2);
- Coloca o catequizando em contato com a Palavra, principalmente o Evangelho, através da leitura orante (12);

- Os catequizandos estão mais preparados para receber os sacramentos (3);
- Os catequistas estão mais bem formados no conhecimento e na prática com os catequizandos (3);
- Os catequizandos agora têm uma percepção maior da realidade e melhor espiritualidade (4);
- Uma única coordenação para todas as fases (3);
- Melhora da participação dos pais e catequizandos nas missas, acompanhando melhor o Evangelho na liturgia (8);
- Unificação do material e conteúdo facilitou as transferências;
- Houve filhos catequizando os pais;
- Aumentou o número de catequistas;
- Os encontros de formação na Região, com a equipe Arquidiocesana, ajudaram muito;
- A mudança de calendário ajudou a diferenciar escola e catequese;
- Encontros contemplativos;
- Quando for totalmente implantando e amadurecido, atingiremos muito mais a comunidade toda;
- Ajudou os catequizandos a entender melhor a liturgia e o ano litúrgico;
- Houve abertura e liberdade nos encontros.

c) Quais foram as maiores dificuldades encontradas?

- O Evangelho a ser trabalhado, tendo que buscar auxílio fora do livro (2);
- Dificuldade de interagir com as crianças e adolescentes;
- Catequistas que não têm formação bíblico-teológica;
- Falta de catequistas;
- Catequistas e pais com dificuldades em se adequar ao novo modelo, inclusive da Leitura Orante (12);
- Falta de participação dos catequistas na formação para iniciar o novo modelo (5);

- Alguns não concordam com as orientações da Arquidiocese;
- Muita reunião para catequistas;
- Faltam apoio e comprometimento dos pais (4);
- Dificuldade na relação entre catequese e pós-crisma;
- Dificuldade no entendimento do processo, principalmente no ano da implantação (4);
- Mudança de fases com pouco tempo para organizar;
- Resistência de alguns catequistas (deixar de ser professor de catequese) (7);
- Manter a mesma equipe nas formações na Arquidiocese;
- Falta clareza nos objetivos de cada fase, com sensação de repetição, sem crescimento;
- Falta de conversão dos pais em relação ao novo modelo;
- A rotatividade de catequistas atrapalha o desenvolvimento do projeto;
- Fechamento de algumas paróquias para o projeto (padres e catequistas);
- Desvincular do calendário escolar criou uma dificuldade por causa do transporte (catequese aproveita o transporte escolar);
- Faltou assessoria da equipe Arquidiocesana na paróquia.

SUGESTÕES:

- Uma semana de encontros com os pais e filhos, em que os pais participam de um encontro, aproximando mais pais e catequistas;
- Trabalhar os evangelhos do mês nas reuniões mensais, com ajuda de padres e seminaristas.

d) Como sua Paróquia avalia o Material de catequese proposto pela Arquidiocese? O que há de positivo e negativo e o que precisa ser melhorado.

POSITIVO:

- Segue o ano litúrgico, com o Evangelho do domingo (10);
- Incentiva a leitura orante da Bíblia (7);
- Mais explicado em relação ao material anterior (2);
- Não é engessado, é um material de apoio muito bom, deve ser adaptado à realidade;
- Dinâmicas mais elaboradas e cantos que enriquecem o encontro;
- 1ª fase com orações espontâneas;
- Boa sequência da palavra chave, oração e versículo para dialogar com a família (2);
- Conteúdo bom, com participação dos pais (2);
- Linguagem fácil de ser trabalhada entre os catequizandos;
- Ajudou na associação entre fé e vida.

NEGATIVO:

- Muito repetitivo (3);
- Atividades muito simples não estão acompanhando as fases (6);
- Conteúdo pobre, falta parte doutrinal (11);
- Muito rígido (2);
- Alguns catequistas têm dificuldade em trabalhar com o material, colocando resistência (3);
- Erros ortográficos (3);
- A vida de Jesus é enfatizada nos cinco primeiros encontros e depois fala-se pouco;
- Alguns sites sugeridos para as músicas não estão mais disponíveis;
- Adolescentes não gostam porque têm que escrever muito;
- O livro do catequista destoa do livro do catequizando (5);
- Dificuldade de inserção dos catequizandos com oito anos, pois eles não sabem ler e escrever (2);
- Atraso na entrega do material (12);
- Custo muito alto do material;

- Fases seis e sete com linguagem muito infantil.

A SER MELHORADO:

- Revisar os livros por fases, adequando conteúdo e atividades, aprofundando a doutrina, orações, história da Igreja e liturgia (10);
- Nas fases da crisma, um material mais adequado aos adolescentes (fases cinco a sete) (2);
- Conteúdo de apoio ao livro;
- Que seja a mesma pessoa a elaborar o livro do catequista e do catequizando;
- Mais dinâmicas para fazer em casa, atualizar o material, vídeos e músicas (3);
- Não adotar material para os catequizandos da fase da crisma (2);
- Mais estratégias para a participação da família na catequese.

2ª PRIORIDADE – FAMÍLIA

1º PROJETO

Implantação do Setor Família ou Pastoral Familiar em todas as paróquias

a) A Pastoral familiar está organizada em sua Paróquia?

(X) Sim – 37 paróquias

(X) Não – 11 paróquias

b) A Paróquia conseguiu organizar os setores pré-matrimonial, pós-matrimonial e casos especiais?

(X) Sim – 19 paróquias*

(X) Não – 24 paróquias

* Quatro paróquias estão implantando.

Porque não?

- Falta de liderança, de tempo, de comprometimento e de integração;
- Houve desistência daqueles que foram chamados;
- Faltou articulação;
- Desconhecimento do projeto.

c) Quais frutos a Paróquia apresenta com o trabalho da Pastoral Familiar?

- Encontro de Noivos (15);
- Encontro de Legitimação Matrimonial (12);
- Casamento Comunitário;
- Semana da Família (7);
- Semana da vida e Missa do Nascituro (4);
- Missa e Oração dos Pais pelos Filhos;
- Encontro e cursos para casais (2);
- Melhor organização da celebração do matrimônio (10);
- Encontro para solteiros;
- Encontro para separados;
- Implantação da pastoral da escuta e aconselhamento;
- Envolvimento de casais em outras atividades de Paróquia (3)
- Grupo de pós-matrimônio (2);
- Acompanhamento de casais em dificuldades;
- Preparação de adultos para os sacramentos da iniciação cristã;
- Apoio à catequese;
- Preparação personalizada para os sacramentos;
- Encaminhamentos de casais para encontros e retiros;
- Preparação para pais e padrinhos de batismo (2);
- Passeio ciclístico;

- Jantar em homenagem ao dia do catequista;
- Visitas às famílias (2);
- Grupo de viúvas (2).

d) Que dificuldades houve para o trabalho da Pastoral Familiar em sua Paróquia?

- Falta de pessoas para trabalharem e falta de compromisso dos participantes (12);
- Falta de integração e envolvimento de outras pastorais (6);
- Pouca divulgação dos trabalhos;
- Falta de acompanhamento do padre;
- Descrença na família;
- Acúmulo de funções de quem trabalha na Pastoral Familiar, comprometendo o trabalho (3);
- Falta formação sobre o papel da Pastoral Familiar;
- Falta de horários para atender os casais quando eles têm disponibilidade.

e) Houve a implantação do Setor Família em sua Paróquia?

(X) Sim – 07 paróquias

Se foi implantado, que benefícios trouxe?

- Resgate de famílias afastadas, aumentando a participação delas nas missas (1);
- Maior participação em atividades como: Semana da família, dia dos avós, dos pais, das mães, catequese;
- Novas pessoas se juntaram para um trabalho em favor das famílias (2).

(X) Não – 17 paróquias

Se não foi implantado, porque não foi?

- Por falta de articulação (6);
- Movimento que predomina na paróquia no trabalho com a família não deu abertura para a implantação;
- Faltou adesão das pastorais (2);
- Por falta de lideranças preparadas (4);
- Houve tentativa, mas não decolou;
- Não houve incentivo por parte do padre;
- Faltaram clareza e formação própria por parte da equipe Arquidiocesana.

2º PROJETO

Acompanhamento dos casais recém-casados

a) Esse projeto foi implantado na Paróquia?

(X) Sim – 15 paróquias

(X) Não – 30 paróquias

b) Se foi implantado, descreva brevemente como foi feito o acompanhamento e que frutos produziu.

- Acompanhamento dos casais em reuniões mensais com material próprio (3);
- Acompanhamento mensal por um casal do Movimento da Mãe Peregrina;
- Encontros, visitas e café com novos casais (2);
- Engajamento de novos casais na Pastoral Familiar e outros serviços na Paróquia;
- Formação de grupos de amizade e partilha;
- O ECC é quem faz este trabalho na Paróquia;
- Estão ocorrendo tentativas: palestras, convites, jantar...;
- Na Região Pastoral São José, há 13 grupos atuando.

c) Se não, por que não foi?

- Por falta de pessoas preparadas para trabalharem (8);
- Falta de interesse dos recém-casados em se comprometerem (2);
- Movimento que predomina na paróquia não deu abertura para a implantação;
- ECC e Pastoral Familiar fazem este trabalho em conjunto;
- Faltou articulação e divulgação;
- Falta de empenho da Pastoral Familiar.

3º PROJETO

Acolhida das pessoas que vivem em situação de casos especiais

a) Houve alguma iniciativa para a acolhida de pessoas em “situações especiais” na Paróquia?

(X) Sim – 27 paróquias

O que foi feito e qual a avaliação (pontos positivos e dificuldades)?

- Acolhida através de pastorais e movimentos (4);
- Encontro e acompanhamento (5);
- Formação de novos grupos de casais;
- Integração dos casais com o Amor Exigente, ARAS e Vicentinos;
- Visitas aos casais;
- Apesar de algumas resistências, a comunidade tem acolhido melhor;
- Oração, jantar e café da manhã com os casais, envolvendo com casais que não estão em situações especiais o resultado está sendo melhor;
- Procura maior de casais para regularização de sua situação na Igreja;

- Acompanhamento personalizado de casais feito pelo padre;
- Inserção de casais em nova união na pastoral familiar;
- Trouxe mudanças positivas na vida dos casais;
- Orientação sobre declaração de nulidade;
- Casais integrados nos Grupos de Reflexão e em Pastorais;
- Realização de retiro e encontros para casais em nova união (3);
- Regularização do casamento nos casos possíveis;
- Houve quebra de barreiras e preconceitos.

(X) Não – 18 paróquias

Porque não foi feito?

- Falta de articulação (4);
- Os casais se fecham com vergonha (5);
- Falta de pessoas preparadas para trabalhar com esses casais (2);
- Falta divulgação das formações nas paróquias (4);
- Faltou apoio de alguns padres;
- Faltaram casais para formar o grupo, apesar de tentativas terem sido feitas.

3ª PRIORIDADE – JUVENTUDE

1º PROJETO

Pós-Crisma – Grupos de vivência

a) A Paróquia conseguiu organizar grupos de pós-crisma?

(X) Sim – 25 paróquias

Quantos grupos estão formados atualmente?

TOTAL: 40 grupos de pós-crisma na Arquidiocese

Obs.: Em uma paróquia, os adolescentes crismados participam em grupos de evangelização do acampamento.

Quantos adolescentes participam no total?

TOTAL: 622 adolescentes

Quais frutos estão sendo colhidos?

- Catequistas (2);
- Grupo de Jovens;
- Teatro;
- Novas lideranças, formando novos grupos (5);
- Equipe de animação e liturgia;
- Organizando a própria vida social, ajuda na escolha profissional;
- Estão fazendo experiências na paróquia para se engajarem futuramente (5);
- Participação e continuidade na Igreja com mais responsabilidade (3);
- Maior participação nas missas;
- Conversão de pais e filhos, incentivando os pais a virem às missas;
- Amizade sadia e interação entre as famílias, facilitando a união (2);
- Maturidade espiritual e social.

(X) Não – 22 paróquias

Quais os motivos para não conseguir organizar os grupos?

- Falta de interesse dos crismados (2);
- Falta de uma equipe preparada e organizada (4);
- Falta de um trabalho de conscientização durante a catequese;
- Já tem um grupo que faz um trabalho semelhante na Paróquia;
- Houve tentativas, mas não foi adiante;

- Faltou incentivo do padre e da comunidade.

b) Seu grupo utiliza o material da Arquidiocese?

(X) Sim – 21 paróquias*

Que avaliação faz?

POSITIVO:

- Ótimo material;
- Material bom, porém utilizado parcialmente;
- Usado como apoio, procurando usar a criatividade dos jovens (4);
- Bom, os exemplos ajudam como complemento e enriquecimento (3);
- Tem conteúdos úteis para o crescimento espiritual e emocional dos jovens (4);
- Temáticas apropriadas com o Plano de Ação Evangelizadora da Arquidiocese.

NEGATIVO:

- Material fraco e com poucas atividades (3);
- Busca material para complementar (2).

(X) Não – 3 paróquias

Qual é utilizado?

- Não houve resposta

* Uma paróquia passará a usar este ano.

2º PROJETO

Nucleação de novos grupos de jovens

a) Quantos grupos de jovens há na paróquia?

TOTAL: 92 grupos de jovens na Arquidiocese

b) Destes grupos, quantos foram formados nos últimos 03 anos?

TOTAL: 36 grupos

c) O que contribuiu para a formação destes novos grupos?

- A iniciativa da Comunidade;
- Bons líderes;
- O incentivo da Igreja e da catequese à juventude (2);
- A Jornada Mundial da Juventude deu novo incentivo (4);
- Filhos de participantes de grupos de reflexão que os incentivaram;
- Campanha da Fraternidade 2013 com o tema da juventude;
- Apoio do pároco;
- Vitalidade dos assessores adultos;
- O pós-crisma;
- A FLAP de 2014 encorajou os jovens;
- O anseio dos jovens de se aproximarem de Deus;
- A necessidade de se reunirem, ser fermento na massa.

d) Quantos jovens, contando todos os grupos, participam?

TOTAL: 2.646 jovens participam de grupos na Arquidiocese

e) Que tipo de grupos de jovens são e quantos jovens participam de cada um?

- **Pastoral da juventude – 456**
- **RCC – 1.249**
- **Vicentinos – 205**
- **JAM – 155**
- **Cursilho – 89**

- **Não segue movimento específico:**
 - **Renascer – 160**
 - **Colo de Deus – 30**
 - **Missionários – 20**
 - **PJC – 50**
 - **Maraná – 150**
 - **JEC – 50**
 - **Jovens Arcanjos de Madre Paulina – 15**
 - **Juventude Agostiniana Recoleta – 15**
 - **SAV – 02**

3º PROJETO

Realização de Missões Jovens no mês de outubro em todas as paróquias

a) Sua Paróquia está realizando este projeto?

(X) Sim – 20 paróquias

Como é realizado?

- Uma semana de missão com visitas nas casas de jovens;
- Atividades no grupo, envolvendo a comunidade;
- Formação, espiritualidade, conscientização, envio, missão e encerramento;
- Visita a hospitais, albergues, asilos e colégios (2);
- Através de acampamento;
- Retiro anual e encontros mensais envolvendo toda a juventude;
- Visita a famílias que têm jovens afastados;
- Visita a famílias ao longo do ano;
- Interação com jovens de outras paróquias, dentro da espiritualidade mariana;
- Realização de atividades esportivas;
- Envolvimento de jovens da RCC e PJ;
- Em outubro, com a ajuda do grupo Desperta Jovem;

- Visitas às casas da cidade, levando uma palavra de incentivo e esperança no início do ano;
- DNJ – Dia Nacional da Juventude.

(X) Não – 21 paróquias

Porque não conseguiu realizar?

- Falta de articulação da equipe de coordenação (3);
- Alguns movimentos, quando realizam, não fazem pela Paróquia, mas pelo movimento;
- Muitos jovens universitários que estão só de passagem e durante as férias vão para a casa dos pais;
- Falta de pessoas interessadas;
- Faltou incentivo;
- Desconhecimento do projeto (2).

b) Há na Paróquia alguma outra experiência de Missão envolvendo a juventude? Descreva brevemente.

- Caminhada da Juventude da Região Pastoral Nossa Senhora Aparecida;
- Encontro de 1º Anúncio;
- Teatro da Paixão de Cristo (3);
- Visitas às famílias, inclusive com outros grupos (2);
- Danças nas missas com *flash mob* para convidar mais jovens;
- Encontro de apresentação dos grupos da paróquia;
- Gincanas para envolver jovens que não participam;
- Solidariedade missionária;
- Terços nas casas;
- Houve uma missão (visita) com os jovens afastados em preparação ao DNJ;
- Auxílio nas missões realizadas pelo COMIPA;
- Através de acampamentos;
- Reza do terço nas casas duas vezes ao mês – JAM;

- Visita a um bairro novo, com o envolvimento e adesão dos jovens;
- Uma missão nas casas no mês de dezembro, na semana que antecede o Natal, de modo que andamos pelas ruas com o presépio vivo, levando uma mensagem de luz e esperança às famílias de nossa paróquia;
- Todos os anos, em dezembro, as paróquias de Marumbi, Bom Sucesso e Jandaia do Sul realizam uma caminhada ao pico do amor (Bom Sucesso). Cada paróquia sai de sua matriz em direção ao pico, vamos caminhando, rezando e cantando. Chegando lá, celebra-se a Santa Missa. A organização dessa caminhada tem sido de responsabilidade dos jovens;
- Uma vez ao ano, os jovens de Marumbi visitam as escolas do município, com o projeto Jesus na Escola, levando música, recreações e dinâmicas aos alunos;
- Em Bom Sucesso, doação de alimentos em tempos fortes, como Natal e Páscoa.

4º PROJETO

Evangelização nas Escolas e Universidades (Pastoral Universitária e da Educação)

a) Conhece alguma iniciativa que contemple este projeto? Se conhece, descreva brevemente.

- MUR - Ministério Universidade Renovada (3);
- Adoração ao Santíssimo e liturgia, com o grupo da Paróquia Santa Maria Goretti;
- Momento de espiritualidade nas escolas, com o padre local, para professores e funcionários;
- Algum trabalho no tempo da Campanha da Fraternidade;
- Na FAFIMAM (Mandaguari), um Grupo de Oração;
- Na paróquia de Marialva, a PASTORAL DA EDUCAÇÃO realiza seu trabalho junto à Secretaria de Educação, com a

participação dos alunos de escolas municipais, estaduais e particulares, desde Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e Ensino Médio. Realiza também Projetos voltados à Preservação e Conservação do Meio Ambiente, Coleta de pilhas e baterias usadas. Anualmente, ocorre uma tarde de Formação Espiritual para funcionários de serviços gerais/serventes. Em cada mês, há participação de uma comunidade escolar na celebração da liturgia. A Pastoral mobilizou-se junto com alguns professores e ministram aulas de cursinho pré-vestibular;

- Visita às escolas;
- Nas escolas particulares, sob orientação das irmãs, este trabalho de evangelização já acontece;
- A Catedral tem um grupo de catequese com universitários da PUC;
- Na maioria das Paróquias, não está organizada a Pastoral da Educação nem a Pastoral Universitária;
- Projeto “Jesus nas Escolas”, através da RCC, em uma Paróquia;
- Grupo de Oração na FANP (Nova Esperança);
- Atendimento espiritual aos alunos do ensino médio e universitário;
- Visita a colégios da rede estadual, ainda que haja resistência da direção da escola.

4ª PRIORIDADE: PROMOÇÃO DA VIDA

1º PROJETO

Implantação e implementação da Pastoral da Saúde em todas as paróquias

a) Sua Paróquia tem a Pastoral da Saúde?

(X) Sim – 35 paróquias

(X) Não – 24 paróquias

b) Dimensão solidária (cuidado com os doentes).

(X) Sim – 35 paróquias

(X) Não – 2 paróquias

O que é feito?

- Visita dos Ministros da Eucaristia aos doentes (10);
- Atendimento espiritual e material feito pelos Vicentinos (5);
- Trabalho da Pastoral da Pessoa Idosa, com visitas mensais aos idosos (2);
- Visita nas casas (6);
- Equipe de visitas e celebrações no Hospital Universitário (2);
- Missa e bênção dos enfermos, com confraternização (2);
- Visita aos asilos (2);
- Fornecimento de lanches aos doentes e acompanhantes no CISAMUSEP;
- Parceria com os grupos de jovens;
- Pastoral da Criança que atende crianças e gestantes;
- Encaminhamentos ao posto de saúde (3)
- Visita do padre aos doentes (5);
- Visita e oração em hospital, uma vez por semana;
- Missa na casa dos doentes (3);
- Confecção de fraldas geriátricas para doação;
- Ajuda com remédios, cestas básicas, cadeira de rodas e banho, muletas e cama hospitalar.

c) Dimensão educativo-comunitária (prevenção de doenças).

(X) Sim – 26 paróquias

(X) Não – 15 paróquias

O que é feito?

- Orientações educativas e preventivas de saúde mental, nutrição e outros profissionais (7);
- Ajuda aos familiares e portadores de transtornos, com visita ao portador;
- Trabalho, por meio de visitas, de conscientização dos direitos e deveres dos usuários do SUS;
- Trabalho de prevenção feito pela Pastoral da Criança;
- Acompanhamento da saúde do idoso, pela Pastoral da Pessoa Idosa (2);
- Parceria entre Pastoral da Criança e Secretaria da Saúde (2);
- Campanha para coleta de sangue;
- Feira da saúde, em parceria com a Secretaria da Saúde;
- Orientação no combate à dengue;
- Ginástica aeróbica e zumba;
- Prevenção de doenças, com a colaboração da UNINGÁ;
- Peso legal: acompanhamento – encontro semanal – de pessoas com obesidade;
- Visitas da Pastoral da Saúde em conjunto com a UBS;
- Grupos de terapia ocupacional (2);
- Participação em campanhas, tais como: outubro rosa, novembro azul, curso de cuidadores de idosos, vida saudável;
- Palestra de orientação e prevenção, através da Rádio Comunitária São Pedro FM;
- Divulgação dos preventivos que acontecem nas UBS;
- Sessão de espaço da paróquia para orientações e exames do posto de saúde;
- Semana da saúde na catequese, com orientações e dinâmicas educativas;
- Barraca da saúde na festa do padroeiro, com aferição de pressão e orientações de estagiários da UEM.

d) Dimensão político-institucional (presença nos Conselhos Municipais e locais).

(X) Sim – 32 paróquias

(X) Não – 9 paróquias

O que é feito?

- Um representante no Conselho Municipal de Saúde, que atua na formulação de estratégias e no controle da execução de política de saúde do município (14);
- Representante no Conselho Local do Posto, em que são avaliadas propostas, sugestões, reclamações e pedidos dos usuários (12);
- Participação na Comissão de Avaliação e Assistência, em que se avalia o que é preciso levar para o Conselho Municipal de Saúde;
- Orientação (palestra) sobre os direitos dos usuários da saúde pública;
- Criação – por iniciativa e luta do CRISTMA – do Conselho Municipal Anti-Drogas.

2º PROJETO

Integração, em nível arquidiocesano, das Pastorais, Movimentos e Organismos que trabalham diretamente na Dimensão Social da Fé (“setor da dimensão social”) através da ARAS-Cáritas

a) Sua Paróquia conhece o trabalho da ARAS-Cáritas?

(X) Sim – 23 paróquias

Obs.: A maioria das Paróquias respondeu que conhece parcialmente o trabalho da ARAS-Cáritas.

(X) Não – 9 paróquias

SUGESTÃO:

- Fazer um encontro na paróquia ou um folder para divulgação dos trabalhos.

b) Houve algum avanço na integração nos trabalhos ligados à Dimensão social da Fé?

(X) Sim – 17 paróquias

Quais?

- Campanha para o Haiti (3);
- Campanha de água para Mariana (3);
- Campanha de velas das famílias para o Natal (2);
- Campanha da Fraternidade;
- Acompanhamento de migrantes pelos vicentinos e pastoral da criança;
- Coleta de alimentos para famílias carentes da paróquia;
- União das pastorais e movimentos que atuam na paróquia na ação social (2);
- Auxílio aos migrantes.

(X) Não – 24 paróquias

Porque não?

- Por falta de conhecimento da Doutrina Social da Igreja (2);
- As pastorais têm dificuldades de se integrarem;
- Os trabalhos acontecem, porém sem integração;
- Não houve articulação por parte da ARAS-Cáritas;
- Não há conhecimento e nem interesse.

3º PROJETO

Projeto ambiental sobre o material reciclável

a) Existe em sua Paróquia algum trabalho de conscientização sobre a separação de recicláveis?

(X) Sim – 21 paróquias

Qual?

- Coleta de vidro (7);
- Coleta de óleo de cozinha usado (4);
- Coleta de pilhas e baterias de celulares;
- Conscientização nas reuniões e encontros, através dos grupos, pastorais e movimentos;
- Coleta de remédios vencidos;
- Coleta de lixo eletrônico;
- Formação de uma cooperativa coordenada por pessoas da comunidade;
- Palestra de esclarecimento sobre a implantação do aterro sanitário em Bom Sucesso;
- Utilização de material reciclável pela Pastoral da Criança e Pastoral Familiar;
- Separação do material reciclável em eventos da Paróquia.

(X) Não – 23 paróquias

Porque não?

- Problemas de infraestrutura dos coletores (2);
- Falta de conscientização de nossas lideranças;
- Já existe este trabalho no município.

4º PROJETO

Projeto de Prevenção e Combate às Drogas, que contemple o acompanhamento das famílias, o apoio financeiro às casas de recuperação ligadas à Igreja Católica e a criação de um organismo que se responsabilize por essa área, inclusive ocupando a vaga da Igreja no Conselho Municipal Anti-Drogas

a) Sua Paróquia tem algum grupo que presta serviço nesta área?

(X) Sim – 19 paróquias

Especifique:

- Movimento CRISTMA (14);
- Amor Exigente (8);
- Aliança da Misericórdia;
- Narcóticos Anônimos (5);
- Participação no COMAD (Conselho Municipal de Política Sobre Drogas);
- Alcoólicos Anônimos (4);
- ALANON (Associação de parentes e amigos de alcoólicos);
- Fazenda da Esperança;
- Comunidade São José.

(X) Não – 20 paróquias

Porque não?

- Faltam pessoas preparadas, com conhecimento para trabalhar nessa área;
- Encaminhada a implantação do CRISTMA em uma Paróquia.

b) Sua Paróquia oferece apoio financeiro a alguma casa de recuperação?

(X) Sim – 42 paróquias

Qual e quanto?

- **Casa de Emaús:** R\$ 9.943,00 (Região Nossa Senhora Aparecida);
- **PROMEC:** R\$ 3.960,00 (Cinco paróquias da Região Pastoral Sarandi – Nossa Senhora das Graças. As outras duas paróquias dão apoio financeiro, mas não informaram o valor);
- **Aliança da Misericórdia** – R\$ 4.300,00 (Sete paróquias da Região Pastoral Santa Cruz);
- **Recanto Mundo Jovem** – Região Pastoral Castelo Branco (Valor não informado);

- **Fazenda da Esperança** – R\$ 320,00 Paróquias menores e R\$ 600,00 Paróquias maiores (Região Jandaia do Sul);
- **Casa de Nazaré:** R\$ 10.460,00 (Seis paróquias da Região São José e uma paróquia da Região não oferece apoio);
- **MAREV** – R\$ 880,00 (Paróquia Divino Espírito Santo).

5º PROJETO

Implantação e implementação da Pastoral da Pessoa Idosa em todas as paróquias

a) A Pastoral da pessoa idosa está organizada em sua Paróquia?

(X) Sim – 20 paróquias

Quantos agentes estão envolvidos?

TOTAL – 378 agentes

Quantas pessoas idosas são visitadas mensalmente?

TOTAL: 2.347 pessoas

(X) Não – 27 paróquias

Porque não foi implantada?

- Falta de pessoas para trabalhar (4);
- Faltou articulação (3);
- A comunidade é muito pequena;
- O município já realiza este serviço.

6º PROJETO

Proibição de bebidas alcoólicas nas festas e eventos da Igreja

a) Sua Paróquia aderiu a este projeto?

(X) Sim – 31 paróquias

Qual a avaliação?

- Excelente, pois criou um ambiente mais saudável, sobretudo, com a participação maior de famílias, inclusive de crianças (8);
- Boa aceitação, inclusive com aumento de receitas (3);
- Totalmente positiva, a festa acontece mesmo sem a bebida alcoólica, não alterando a receita (11);
- Alguns não se controlam, causando transtornos e afastando quem busca um ambiente saudável;
- Diminuiu a participação, principalmente dos jovens;
- Melhorou a imagem social da Igreja;
- Bonito testemunho da Igreja;
- Válido para algumas realidades; para outras não (cf. abaixo);
- O projeto foi mal elaborado, sem ser refletido profundamente pelas paróquias, por isso, foi muito mal acolhido por algumas paróquias;
- Apesar de não vender bebidas nas festas, algumas pessoas trazem de casa ou compram em outros lugares próximos à festa.

(X) Não – 20 paróquias

Qual a justificativa para a não adesão?

- Nunca houve brigas e problemas (2);
- O público exige que tenha;
- Não tivemos grandes promoções;
- Porque haverá comprometimento na arrecadação da festa, da qual a Paróquia depende para se manter (5);
- O CPP não está convencido;
- Adesão parcial: uma festa com e outra sem;
- Duas paróquias farão a adesão ano que vem;
- Resistência por parte dos participantes da festa.

7º PROJETO

Partilha de bens entre as paróquias, a fim de ajudar as paróquias com dificuldades

a) Além do fundo de solidariedade (1% do dízimo), que outra(s) iniciativa(s) sua Paróquia tem em relação à partilha?

- Ajuda financeira à Igreja da África (7);
- Ajuda a outras paróquias da Arquidiocese de Maringá, atendendo ao pedido de compra de carro, reformas, projetos sociais, pastorais, movimentos (13);
- Coleta anual para a Diocese Guajará Mirim;
- Ajuda à Rádio Colmeia;
- Ajuda ao Asilo São Vicente de Paulo;
- Ajuda ao Centro Assistencial João XXIII de Floresta;
- Ajuda à Aliança de Misericórdia;
- Colaboração com as despesas dos Seminaristas;
- Ajuda mensal ao Núcleo Social Papa João XXIII, adotando uma família;
- 10% do dízimo para as Missões;
- 3% ao Fundo de Solidariedade;
- A Região Pastoral Jandaia do Sul adotou a colaboração de 2% ao Fundo de Solidariedade;
- Contribuição com a Casa de Proteção ao Menor Carente de Sarandi;
- Três salários mínimos mensais, pela Paróquia Bom Pastor de Mandaguari, ao Instituto Jesus de Nazaré, que atende crianças e adolescentes no contraturno escolar;
- A Paróquia Nossa Senhora Aparecida de Mandaguari ajuda com R\$ 400,00 mensais a Paróquia-irmã da diocese de Ilhéus – BA;
- Aumento para 2% da contribuição ao fundo de solidariedade (5);
- Cessão de espaços para atividades da Comunidade (UBS e Escolas);

- Paróquia da Catedral: participação significativa com cestas básicas e ajuda econômica para várias instituições.

b) Sua Paróquia já foi beneficiada com o Fundo de Solidariedade?

(X) Sim – 4 paróquias

Qual a avaliação?

- Uma paróquia respondeu que houve falta de critério no repasse: repasse bem menor do que o pedido para uma situação emergencial;
- As outras não responderam.

(X) Não – 34 paróquias

SUGESTÃO:

- O fundo de solidariedade deve contemplar mais as paróquias de periferias que estão construindo ou precisam construir os seus templos.

Beneficiados com a Campanha de Evangelização (Quaresma)

- Paróquia Nossa Senhora das Graças (Sarandi) com o projeto Batucada de Primeira da Pastoral Afro. O projeto está em andamento com ótima recepção pela comunidade;
- A Paróquia Nossa Senhora da Esperança implantou a Rádio Escola no Colégio da Comunidade.

ANEXO 3

Pesquisa com a sociedade

Nesta etapa, foi preparado, e encaminhado a mais de 100 entidades (Prefeituras, Câmaras Municipais, Associações, ONG's, entre outros), um questionário sobre o modo como tais instituições veem o trabalho da Igreja Católica em nossa Arquidiocese. É um olhar “de fora” sobre o que realizamos.

De todos os questionários enviados, recebemos o retorno de apenas 16 entidades (Sociedade Rural de Maringá, Sociedade Médica de Maringá (não se posicionou por força de estatuto), ASSINDI, SINCOMAR – Sindicato dos Empregados no Comércio de Maringá – Evandro Junior (Dep. Estadual), Ênio Verri (Deputado Federal), Prefeitura de São Pedro do Ivaí, Prefeitura de Mandaguari, Prefeitura de Marialva, Prefeitura de Nova Esperança, Prefeitura de Mandaguaçu, Câmara Municipal de Itambé, Câmara Municipal de Jandaia do Sul, Câmara Municipal de Doutor Camargo, Câmara Municipal de Sarandi, Câmara Municipal de Marumbi). Na certeza de que a qualidade está à frente da quantidade, apresentamos o resultado da pesquisa.

1) Como você e sua instituição analisam a presença da Igreja Católica na Arquidiocese de Maringá (levando em conta Maringá e região)? Se possível, enumere, no máximo, três itens que justifiquem a constatação positiva ou negativa.

- ✓ Essencial para a construção de uma sociedade sólida, estruturada e organizada, com valores éticos e morais.
- ✓ Modelo de ação social na formação de indivíduos e sua inserção na sociedade.
- ✓ Incentivo de relacionamentos conjugais fortes, de respeito mútuo, de laços de amor e de paternidade responsável.
- ✓ Preocupação com os menos favorecidos, com a participação comunitária e identificação de pontos críticos na desagregação familiar.
- ✓ Relevante nas discussões das necessidades das pessoas e realização de campanhas em prol dos menos favorecidos.
- ✓ Serviço de apoio e integração com as Instituições Sociais, tais como: Florat Vida, Asilo, Fazenda Esperança, Lar São Francisco.
- ✓ Importante no incentivo aos movimentos populares e na defesa das melhorias da qualidade de vida.
- ✓ Destacada diante do Estado e da realidade da sociedade com ações como: Pastoral da criança, combate à fome, leis contra a corrupção eleitoral, destinação e tratamento dos resíduos urbanos e participação nos Conselhos Municipais.
- ✓ É positivo o apoio financeiro e as campanhas das paróquias de roupas e alimentos aos índios.
- ✓ Falta um plano de trabalho pastoral contra a discriminação aos índios, bem como um posicionamento claro e efetivo da Igreja na luta pela melhoria da qualidade de vida deles.
- ✓ Representativa da sociedade, seja pelo número de membros e participação em eventos, seja na coordenação espiritual do povo e no número de grupos ativos na sociedade.
- ✓ Capacidade de congregar as forças comunitárias, unir as famílias e enriquecer a mente e espírito das pessoas.
- ✓ Há uma omissão no esclarecimento efetivo de pautas nacionais que interferem e degradam a vida das pessoas, tais como: terceirização, reforma política, redução da menoridade penal, soberania, democracia, abuso da mídia, abuso do sistema financeiro.

- ✓ Desenvolver efetivamente ações de propagação e ensinamentos de valores cristãos em ações políticas e sociais como a da incineração do lixo e reforma política.
- ✓ Presença positiva na identificação e compreensão dos desafios atuais, na busca de novos métodos, atitudes e linguagens para sua missão.
- ✓ Inexistência de trabalho político para a garantia e direitos dos povos indígenas.
- ✓ Poderia ser mais flexível, aprofundando o diálogo com a comunidade e levando a Igreja até o povo.

2) O que você e sua instituição esperam da atuação da Igreja Católica de Maringá, no território que ela compreende, na dimensão social, política, cultural, espiritual e ecumênica?

- ✓ Continuar e aprofundar o trabalho inovador e transformador da Igreja na sociedade.
- ✓ Manter parceria com as entidades leigas nas ações, especialmente as sociais.
- ✓ Continuar seu papel de liderança e ampliar suas ações no ensino dos valores cristãos.
- ✓ Ampliar sua agenda social, particularmente no combate às injustiças sociais.
- ✓ Maior envolvimento junto à população indígena.
- ✓ Inclusão permanente de recursos para atendimento aos indígenas, particularmente da Campanha da Fraternidade.
- ✓ Trabalhar na formação cultural da sociedade na temática dos povos indígenas.
- ✓ Abrir espaço para inclusão dos indígenas na dimensão do Diálogo inter-religioso.
- ✓ Acolher e apoiar os índios que adotaram a Igreja Católica, com a catequese.
- ✓ Atuar na dimensão ecumênica para a promoção da unidade.
- ✓ Manter o envolvimento da Igreja com a sociedade.

- ✓ Ampliar a participação de leigos cristãos nas comunidades.
- ✓ Continuar com as ações sociais e políticas, aprimorando-as, para que sejam mais efetivas.
- ✓ Fazer-se mais presente nas ações sociais, com a participação em grupos, valorização do conhecimento e engajamento social.
- ✓ Manter e ampliar sua presença nas bases na promoção de práticas sociais, culturais e cognitivas, no combate às injustiças e desigualdades.
- ✓ Avançar no debate dos assuntos atuais, com uma visão mais aberta e inclusiva nas suas diferentes dimensões.
- ✓ Estar atenta aos novos tempos, no enfrentamento das realidades, com uma Evangelização nova e efetiva.
- ✓ Definir uma metodologia de atuação dos seus agentes nas ações políticas para que seja mais apartidária e mais efetiva.
- ✓ Procurar uma aproximação constante com outras denominações religiosas, propondo e participando de atividades para o bem comum.
- ✓ Aprofundar sua postura no serviço em relação à sociedade fazendo-se mais presente em sua vida.

3) Enumere, no máximo, três sugestões a dar para a atuação da Igreja na sociedade.

- ✓ Trabalhar para o reconhecimento do indígena como sujeito com direitos e cidadania.
- ✓ Atuar na legalização e demarcação de áreas indígenas no estado.
- ✓ Agir pela aprovação da Lei nº 2.057/91 que regulamenta o Estatuto do índio.
- ✓ Criar uma Pastoral Indigenista na arquidiocese.
- ✓ Realizar campanhas para conscientização sobre o “consumo sustentável”.
- ✓ Incentivar o engajamento de leigos nos Conselhos Municipais.

- ✓ Fomentar nos leigos o diálogo inter-religioso e o respeito à pátria e suas instituições como estado democrático de direito.
- ✓ Ajudar a população na compreensão e obtenção dos seus direitos às políticas de Proteção e Assistência Social.
- ✓ Posicionar-se politicamente nas questões sociais, fomentando debates e formação do povo.
- ✓ Apoiar, formar e incentivar o protagonismo dos leigos na construção da sociedade.
- ✓ Rever e planejar melhor as promoções sociais frente à realidade social e econômica em que vivemos e a existência de outras entidades beneficentes.
- ✓ Desenvolver ações concretas pelo fortalecimento das relações humanas.
- ✓ Maior conhecimento das realidades existentes nas paróquias e comunidades.
- ✓ Promover o conhecimento e vivência dos valores para trabalhar e viver na sociedade.
- ✓ Trabalhar pela Paz, Justiça Social e melhor Distribuição de renda.
- ✓ Atuar concretamente na discussão e conhecimento de pautas sociais.
- ✓ Agir em defesa das crianças e jovens, particularmente aqueles em situação de risco.
- ✓ Trabalhar no acolhimento das pessoas, principalmente os mais discriminados.
- ✓ Incentivar as Comunidades Eclesiais de Base na promoção de ações sociais e políticas concretas
- ✓ Realizar mais ações com as famílias carentes através de campanhas em parceria com o Poder Público.
- ✓ Ampliar as ações na dimensão política junto às pastorais e movimentos para a formação de lideranças com princípios cristãos.
- ✓ Ter um olhar mais caridoso para com as paróquias menores e mais carentes.

- ✓ Viabilizar condições, se necessário, com as congregações religiosas, para que o pároco possa atender apenas um município.
- ✓ Repensar a formação dos sacerdotes para que atuem com toda a dignidade que a Igreja deve ter.
- ✓ Agir com clareza e prontidão para apurar e sanar problemas de desvio de conduta de seus agentes, mas garantindo o acolhimento, acompanhamento e orientação dessas pessoas.
- ✓ Definir parâmetros e indicadores para a ação social, considerando as questões desafiadoras da sociedade.
- ✓ Aprofundar a compreensão da dignidade da pessoa para a superação das relações desumanas e violentas.
- ✓ Atuar profeticamente para o desenvolvimento integral da pessoa e na construção da sociedade.

ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES

Jesus, mestre divino,
que chamastes os apóstolos a vos seguirem,
continuai a passar pelos nossos caminhos,
pelas nossas famílias, pelas nossas escolas e
continuai a repetir o convite
a muitos de nossos jovens.

Dai coragem às pessoas convidadas.
Dai força para que vos sejam fiéis
como apóstolos leigos, como diáconos,
como padres e bispos,
como religiosos e religiosas,
como missionários e missionárias
para o bem do povo de Deus
e de toda a humanidade.
Amém.

ORAÇÃO DA FAMÍLIA

Senhor, nós vos louvamos pela nossa família e agradecemos a vossa presença em nosso lar.

Iluminai-nos para que sejamos capazes de assumir nosso compromisso de fé na Igreja e de participar da vida de nossa comunidade.

Ensinai-nos a viver a vossa palavra e o Vosso mandamento de Amor, a exemplo da FAMÍLIA DE NAZARÉ.

Concedei-nos a capacidade de compreendermos nossas diferenças de idade, de sexo, de caráter, para nos ajudarmos mutuamente, perdoarmos nossos erros e vivermos em harmonia. Dai-nos, Senhor, saúde, trabalho e um lar onde possamos viver felizes.

Ensinai-nos a partilhar o que temos com os mais necessitados e empobrecidos, e dai-nos a graça de aceitar com fé e serenidade a doença e a morte quando se aproximem de nossa família.

Ajudai-nos a respeitar e incentivar a vocação de nossos filhos quando quiserdes chamar a Vosso serviço.

Que em nossa família reine a confiança, a fidelidade, o respeito mútuo, para que o amor se fortifique e nos una cada vez mais.

Permaneçei em nossa família, Senhor, e abençoai nosso lar hoje e sempre. **Amém!**

